

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS

Escola de Belas Artes

Bacharelado em Design de Moda

Isadora Barros Moreira

A IMAGEM DE MODA: agência, influência & consumo

Belo Horizonte

2025

Isadora Barros Moreira

A IMAGEM DE MODA: agência, influência & consumo

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à
Escola de Belas Artes da Universidade Federal de
Minas Gerais, como requisito parcial, para a
obtenção do título de Bacharel em Design de
Moda.

Orientadora: Prof. Dra. Angélica Adverse

Coorientadora: Prof. Dra. Luciana Nacif

Belo Horizonte

2025

A toda a minha família e amigos, que sustentaram meus passos com amor e coragem, acreditando nos meus sonhos mesmo quando o caminho parecia incerto. E a todos aqueles que, diante do avanço da modernidade, permanecem às margens, que suas vozes e existências jamais sejam esquecidas.

AGRADECIMENTOS

Desde a mitologia grega, as Moiras tecem, medem e cortam os fios de cada vida, criando destinos únicos, tecidos com cuidado, intensidade e mistério. E, assim como esses fios sagrados, os meus ciclos também foram sendo entrelaçados com encontros, escolhas e afetos que deram forma ao percurso que trilhei até aqui.

Tecendo os fios da vida, percorri caminhos tão sonhados e um deles foi viver a UFMG, a universidade que sempre desejei e que trilhei muito bem acompanhada por pessoas que marcaram a minha vida eternamente. Neste TCC, não encerro apenas uma fase acadêmica, reconheço todos os laços que me moldaram. Cada dobra, cada estudo, cada criação traz consigo um fragmento dessa grande tessitura feita de memórias, presenças e cuidados. Agradecer, aqui, é quase como firmar o último ponto deste tecido, delicado, necessário e profundamente simbólico, faz parte da metamorfose humana.

Aprendi que a moda não se costura apenas com tecido e sim com pessoas, afetos, histórias e gestos, que silenciosamente nos sustentam quando tudo parece apertar. E a essas pessoas que tanto me ensinaram e apoiaram, hoje venho compartilhar junto a elas essa conquista tão sonhada.

Primeiramente, à minha família, que sempre alimentou meu lado imaginário e criativo, acolhendo desde cedo cada traço do meu olhar artístico. Suas histórias, gestos e ensinamentos foram os fios essenciais que me permitiram trilhar este ciclo com coragem e sensibilidade. Vocês são, e sempre serão, minha maior fonte de inspiração e força.

À minha mãe, Miriam, o maior símbolo de fortaleza e amizade que carrego comigo. Com ela aprendi a viver, a me levantar, a ter coragem e a seguir adiante mesmo quando o mundo parecia desfilar.

E ao meu pai, Geraldo, que me ensinou o poder das histórias contadas, aquelas que despertam a imaginação e também aquelas que preservam a memória dos que amamos, mantendo vivos os nossos símbolos mais preciosos.

Ao meu irmão, Eduardo, e às minhas primas Mariane, Nicole e Yasmim, que desde a infância foram para mim um farol de responsabilidade, coragem e crescimento. Cresci ao lado de vocês, aprendendo sobre parceria, brincadeiras que viravam mundos inteiros e laços que se fortaleciam mesmo nas pequenas coisas. Obrigada por cada gesto de apoio,

por cada acolhimento silencioso e por me lembrarem, nos momentos mais difíceis, que eu nunca caminha sozinha.

E no meio desse percurso, chegou o Murilo, meu sobrinho, um sonho e um presente que reacendeu em mim a pureza da infância. Com ele redescobri minha criança interior, aquela que imagina, sonha e se encanta. Aprendi a acolher essa parte tão profunda e sensível de mim, a respeitá-la e a carregá-la com todo o carinho que ela merece.

Agradeço também aos meus avós e às minhas tias-avós, nome a nome, porque cada um de vocês é um fio essencial na trama que me trouxe até aqui. Suas histórias, gestos e presenças foram a motivação mais íntima desta pesquisa e muito do que sou, nasceu das memórias que construí ao lado de vocês.

A Antônio Norato, meu “*avôhai*”, a Antônio Barros, meu passarinho, a Otília e Maria Rosa, meus lados mais puros de amor, e a Maria Zita, Cacilda e Eloisa, que, além de serem minhas maiores inspirações na arte da moda e do artesanato, moldaram minha sensibilidade, minha força e meu olhar para o mundo.

Com cada um de vocês, aprendi a ressignificar símbolos, a entender que aquilo que permanece em nossas vidas não vive apenas na lembrança, mas na forma como nos move. Foram vocês que me ensinaram que os símbolos que amamos seguem conosco, sustentando nossos passos, permitindo que continuemos e sigamos em frente com coragem.

Este diploma é por cada membro da minha família. Seja em presença ou em alma, vocês permanecem em mim. Eu sou feita dos seus fios, estou em vocês, e vocês, para sempre, em mim. Meu coração forte. Meus amores.

Em meio aos fios da vida que foi viver a UFMG, encontrei pessoas que se tornaram parte do meu tecido mais íntimo. Amizades que nasceram no caminho e que sei que levarei comigo pela vida inteira, cada uma contribuindo para o meu crescimento de um jeito único e inesquecível.

À Diana e à Yasmin, companheiras das idas e vindas entre BH e Itabirito, meus pontos de acolhimento, leveza e reencontro.

À Sofia, Igor, Clara e Matheus, meu grupo querido, meu espaço seguro, onde posso ser quem sou com intensidade e verdade. Vocês me acolhem, me erguem e me lembram do valor de caminhar ao lado.

Ao pessoal da Mude!, do Centro Pedagógico, ILAB e do Fórmula UFMG, obrigada por transformarem e agregarem tanto na minha experiência universitária, proporcionando trocas de conhecimento, apoio, incentivo e amizades tão significativas.

Às minhas irmãs de alma, Letícia, Sarah, Julia e Miriã, com quem compartilhei risos, choros, casa e cotidiano. Obrigada por serem família quando a vida pediu por afeto e presença, por me reerguerem diversas vezes e trilharem junto a mim por todo este caminho e os outros que virão.

À Daise, professora que esteve ao meu lado como mentora, amiga e incentivadora generosa, minha eterna gratidão. Ao professor Alexandre Leão, meu coordenador, que alimentou em mim a paixão pela fotografia. Aprender com você foi um dos maiores presentes deste último ano na UFMG.

Às minhas professoras orientadoras, Angélica e Luciana Nacif, que me ofereceram apoio, cuidado e ensinamentos que jamais imaginei receber. Vocês são educadoras essencialmente humanas, e me inspiro em cada uma no meu crescimento acadêmico e profissional.

Aos professores e profissionais que leram e contribuíram para a melhoria do trabalho no processo avaliativo: o fotógrafo Rêmullo Brandão, Professora Juliana Pontes e o fotógrafo Tom Andrade.

Às minhas amigas itabiritenses, que mesmo com a distância nunca me deixaram só. Crescemos juntas, torcemos umas pelas outras e seguimos firmes, vocês são meu porto seguro.

Aos amigos e amigas de trabalho que encontrei ao longo dessa jornada, obrigada pelas trocas, pelas vivências e pelo aprendizado mútuo. Que nossas asas alcem voos altos e corajosos rumo ao que vem.

E aos meus amigos e equipe que auxiliaram diretamente na construção deste trabalho, Louí, Stella, Fernando e Marcella, minha gratidão profunda. Obrigada pela parceria, pelas ideias, pelo comprometimento e por tornarem possível cada detalhe desta criação. Vocês deixaram sua marca nesta pesquisa.

E por fim, mas com igual importância, agradeço à banca avaliadora. A presença de vocês faz deste momento não um ponto final, mas o início de um novo capítulo na minha

trajetória. Obrigada por acolherem minha pesquisa e por me permitirem compartilhar as histórias e raízes profundas que habitam este trabalho.

RESUMO

A pesquisa examina a criação de imagens fotográficas de moda orientadas para o incentivo ao consumo sustentável. O texto discute as interações entre imagem, influência cultural e consciência socioambiental para compreender de que maneira é possível desenvolver representações de moda que não somente comuniquem valores sociais, mas também despertem desejo, orientem estilos de vida e estimulem práticas responsáveis. Nesse percurso, coloca-se em evidência a necessidade de questionar quem alcança visibilidade nas narrativas visuais e quem permanece à margem, apontando para os limites e disputas no acesso aos meios de representação e circulação simbólica. A investigação ancora-se na valorização da iconografia histórica de Belo Horizonte, trazendo à cena personagens de resistência social, como Maria do Arraial e Zezé Alfaiate (Cintura Fina), para integrar memória coletiva, identidade cultural e pertencimento. A metodologia, de caráter qualitativo, combina pesquisa bibliográfica, análise crítica de produções imagéticas e desenvolvimento prático de imagens, fundamentando-se em referenciais da moda sustentável, da fotografia e do consumo consciente. O objetivo central consiste em demonstrar que a estética da moda sustentável precisa ir além da linguagem da denúncia para afirmar-se como objeto de desejo, construindo narrativas visuais aspiracionais que articulem inovação estética, responsabilidade social e compromisso ambiental, por meio de práticas como o reaproveitamento e o compartilhamento de materiais. Nesse sentido, busca-se consolidar a moda sustentável como um campo autêntico e transformador, capaz de renovar a modernidade ao integrar valores sociais e ambientais na criação de imagens.

Palavras-chave: Fotografia. Imagem de moda. Sustentabilidade. Comunicação. Cultura.

ABSTRACT

The research examines the creation of fashion photographic images aimed at encouraging sustainable consumption. The text discusses the interactions between image, cultural influence, and socio-environmental awareness in order to understand how it is possible to develop fashion representations that not only communicate social values but also evoke desire, guide lifestyles, and stimulate responsible practices. Along this path, it highlights the need to question who gains visibility within visual narratives and who remains on the margins, pointing to the limits and disputes surrounding access to means of representation and symbolic circulation. The investigation is grounded in the appreciation of the historical iconography of Belo Horizonte, bringing to light figures of social resistance such as Maria do Arraial and Zezé Alfaiate (Cintura Fina), in order to integrate collective memory, cultural identity, and belonging. The qualitative methodology combines bibliographic research, critical analysis of visual productions, and the practical development of images, based on references from sustainable fashion, photography, and conscious consumption. The main objective is to demonstrate that the aesthetics of sustainable fashion must go beyond the language of denunciation to establish itself as an object of desire, constructing aspirational visual narratives that articulate aesthetic innovation, social responsibility, and environmental commitment through practices such as material reuse and sharing. In this sense, the study seeks to consolidate sustainable fashion as an authentic and transformative field, capable of renewing modernity by integrating social and environmental values into the creation of images.

Keywords: Photography. Fashion image. Sustainability. Communication. Culture.

Lista de Figuras

Figura 1 – Representação dos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS)	20
Figura 2 – Dualidade (Colagem Digital)	24
Figura 3 – Stella McCartney coleção Resort 2023 — Look 12	30
Figura 4 – Flávia Aranha coleção 2025.....	31
Figura 5 – Esquemas de Iluminação do Editorial 1 Maria do Arraial para a Óposy.....	34
Figura 6 – Storyboard (Colagem Digital).....	36
Figura 7 – Moodboard Personagem Maria do Arraial	37
Figura 8 – Beauty da Personagem Maria do Arraial	39
Figura 9 – Esquemas de Iluminação do Editorial Maria do Arraial para a Doisélles ...	41
Figura 10 – Moodboard Cintura Fina.....	43
Figura 11 – Storyboard 2 (Colagem Digital).....	45
Figura 12 – Beleza Cintura Fina.....	46
Figura 13 – Iluminação Cintura Fina	48
Figura 14 – Projeto gráfico fotolivro.....	49

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	12
2. A CENA E O SIGNO	14
2.1. O signo como memória	17
2.2. Entre o signo e o sistema	19
3. PROCESSOS DE SIGNIFICAÇÃO E MEMÓRIA	22
3.1 Narração dos signos	25
5. AS MARCAS	31
5.1. O amadurecimento do projeto fotográfico	33
6. ENTRE O APAGAMENTO E A PRESENÇA.....	34
6.1. Beleza e memória	37
6.2. Iluminação maria do arraial.....	39
7. O BRILHO INTERMITENTE	41
7.1. Pérolas e lampejos.....	45
7.2. A luz como metáfora da memória	47
8. DESENVOLVIMENTO DO CATÁLOGO	48
9. RESULTADOS OBTIDOS.....	50
10. UM NOVO OLHAR PARA O SIGNO POLÍTICO DA MODA	51
REFERÊNCIAS	54

1. INTRODUÇÃO

Completa satisfação com a realidade, cria um novo mundo mais próximo do desejo do coração. John Carl Flügel

Historicamente, a imagem de moda, tem se consolidado como uma potente forma de linguagem visual. Nesse contexto, ela desempenha um papel central, funcionando como um elo entre o criador e público, capaz de estimular desejos, sentimentos e identificações. A narrativa visual construída pelos profissionais como fotógrafos, *stylists*, produtores, diretores de arte etc., envolvidos na criação da expressão imagética, exercem a função de construir uma comunicação com o público que narre estórias ou histórias das marcas, além de estimularem experiências estéticas por intermédio de narrativas visuais constituídas pelos produtos de moda. Neste sentido, a imagem tem o papel de se colocar como instrumento de mediação entre as marcas e o público-alvo traduzindo sensivelmente as transformações sociais e culturais do contexto apresentado. As imagens produzidas por esse conjunto de profissionais não só divulgam tendências, criam vínculos emocionais, traduzindo significados que vão além do vestuário em si.

A construção de uma imagem de moda envolve aspectos técnicos, estéticos e históricos que visam conectar-se aos ideais de um público específico. Quando essa conexão é eficaz, consolida-se uma relação duradoura entre marca e consumidor. No entanto, em um cenário contemporâneo marcado pela efemeridade e pelo excesso de informação visual, muitas delas tornam-se rapidamente descartáveis, um reflexo do consumo acelerado que atinge o próprio vestuário. Tal fenômeno acarreta um distanciamento do público e dificulta processos de identificação, tornando a criação visual muitas vezes vazia e superficial.

Diante desse panorama, surge a necessidade de repensar a imagem de moda como um dispositivo que vá além do apelo comercial. A proposta deste trabalho é examinar como a imagem de moda pode ser utilizada como ferramenta educativa, de influência positiva e promotora de uma cultura de moda sustentável. A valorização do artesanal, do processo desacelerado e do reaproveitamento de materiais torna-se essencial para combater a obsolescência programada e construir um novo olhar para o consumo de moda, mais ético e consciente.

Ao unir os princípios da sustentabilidade com a potência narrativa da fotografia editorial de moda, abre-se espaço para experimentações criativas que combinam as possibilidades do mundo fotográfico, tanto em ambiente interno quanto externo, propondo novas formas de contar histórias visuais que busquem valores duráveis, impactantes e significativos. Essa abordagem propõe além de novas estéticas, uma nova ética no fazer moda, uma moda que caminha junto ao seu público, valoriza processos colaborativos, materiais sustentáveis e vínculos afetivos com aquilo que se veste e aquilo que se vive, a história contada, a história urbana.

Além disso, é fundamental compreender o papel social da moda como agente de transformação cultural. Ela pode e deve ser uma aliada no desenvolvimento de uma sociedade mais consciente, capaz de reconhecer valor na durabilidade, na identidade e na história por trás de cada peça e de cada imagem. Dessa forma, a modernidade deixa de estar associada exclusivamente ao novo e passa a resgatar elementos culturais nostálgicos e afetivos que reafirmam o pertencimento e o uso intencional.

O desenvolvimento experimental apresentado, parte do reconhecimento e da valorização de duas personagens de grande relevância para a história da cidade de Belo Horizonte: Maria do Arraial e Zezé do Alfaiate, popularmente conhecida como, Cintura Fina. Ambas as personagens belorizontinas (Maria do Arraial e Zezé do Alfaiate), dessa pesquisa monográfica, resistiram aos processos de apagamento social e cultural. Elas representam as vozes que foram historicamente negligenciadas diante dos processos de modernização impostos à capital. Hoje, elas são símbolos de força e identidade, inspirando uma reflexão sobre pertencimento e a construção de uma cidade mais inclusiva.

Maria do Arraial e Zezé do Alfaiate, conhecida como Cintura Fina, são figuras históricas que marcaram a cidade de Belo Horizonte por suas trajetórias de resistência. Maria do Arraial viveu no período em que a capital ainda era chamada Curral del Rei, tornando-se um dos principais símbolos da luta pelo direito à moradia frente aos processos de remoção e urbanização impostos com a construção da nova capital. Zezé do Alfaiate, mulher trans que também residiu na cidade, destacou-se como referência de coragem e afirmação identitária em um contexto marcado pela marginalização de corpos dissidentes. Suas existências tensionam os discursos hegemônicos sobre cidade, progresso e pertencimento, estabelecendo diálogos diretos com as urgências sociais e éticas que atravessam a moda contemporânea.

O trabalho insere-se nos debates da contemporaneidade, ressaltando o compromisso ético para os futuros agentes da moda. Ao compreender a moda não só como estética, mas também como responsabilidade política, destaca-se a necessidade de participação ativa em assuntos ligados à sociedade e a crise ambiental global. O sistema da moda, nesse sentido, tem papel fundamental no desenvolvimento de métodos e tecnologias capazes de mitigar os efeitos das mudanças climáticas, uma vez que ela é considerada a segunda mais poluente do mundo, ficando atrás somente da indústria petrolífera. Estima-se que, anualmente, sejam produzidas cerca de 92 milhões de toneladas de resíduos têxteis em escala global (VEJA, 2022¹). Desta forma, os seus processos industriais, devem considerar a escassez de recursos naturais, a poluição e a perda da biodiversidade.

O projeto reafirma a importância de uma experiência da modernidade inclusiva, responsável, capaz de reconhecer a diversidade de corpos, vozes e narrativas que compõem a cidade. Assim, marcas, público e editorial apresentado, convergem para a defesa de uma cultura moderna responsável, pautada pela ética, pela sustentabilidade e pela valorização da diversidade. A moda, nesse contexto, é compreendida como uma ferramenta de memória e de resistência, que resgata o passado para projetar um futuro mais justo, plural e consciente.

Diante dessas questões, o trabalho erige as seguintes perguntas: é possível reeducar o olhar do público por meio da imagem de moda, estimulando o desejo mais ético, consciente e sustentável? Pode a imagem influenciar não apenas a estética, mas também os valores e práticas de consumo das pessoas, despertando nelas um desejo genuíno de transformação?

2. A CENA E O SIGNO

Desta forma, parte-se para o desenvolvimento de um trabalho que visa experimentar diferentes formas de produção de imagem, utilizando o controle de iluminação, a criatividade cênica e de produção, priorizando o uso de materiais reutilizáveis, compartilhados ou naturais. A fim de construir uma alternativa estética orientada por

¹ PERES, Andréia. *O impacto ambiental e social do fast fashion*. Veja, São Paulo, 25 fev. 2025. Coluna Balanço Social. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/coluna/balanco-social/o-impacto-ambiental-e-social-do-fast-fashion/>. Acesso em: 19 ago. 2025.

princípios éticos, buscando reduzir os impactos poluentes na construção de narrativas de moda.

Tal abordagem busca promover um mercado mais sustentável e, ao mesmo tempo, atrativo, que resista à lógica da produção excessiva e do consumo descartável. A intenção é evitar a geração de imagens acumulativas, que não despertam desejo de compatibilidade ou de compra consciente, que agreguem valores sentimentais, contribuindo para uma comunicação mais significativa e menos poluente.

Tais métodos reforçam o caráter artesanal e singular das imagens, valorizando a experimentação e a construção estética como forma de crítica e ruptura com modelos tradicionais e massificados de produção visual. A partir dessa linguagem híbrida, torna-se possível propor novas formas de representação e estimular a criação de um imaginário mais consciente.

Além disso, busca-se refletir sobre as potências culturais da capital mineira, Belo Horizonte. Por meio da criação de imagens que, reavive a memória do passado da cidade e valorize pessoas historicamente marginalizadas.

A euforia instalada no consumidor por esse primeiro imaginário é essencialmente cultural: graças a essas imagens, as pessoas se sabem *integradas*, atraídas para o quadro social e históricos de relações humanas: participam de uma sabedoria e de um saber coletivos; ou melhor: visto que essas imagens lhes são dirigidas, elas se sentem reconhecidas pelas instituições que distribuem essa sabedoria e esse saber. (BARTHES, 2005, p.115).

A produção dessas imagens propõe evidenciar tentativas sistemáticas de invisibilização de corpos que, apesar disso, foram agentes fundamentais nos processos de modernização e resistência em diferentes períodos da história da cidade.

Essas figuras, em sua maioria negras, desempenharam papéis centrais na construção das estruturas sociais, econômicas e culturais da cidade. Ainda assim, elas continuam sendo excluídas dos grandes centros urbanos, os mesmos espaços que ajudaram a edificar com sua força de trabalho. Essa realidade evidencia além de um apagamento histórico, também a persistência de uma lógica excludente que opera até os dias atuais.

Ao trazer essas questões para o campo da imagem e da moda, o objetivo é provocar uma revisão crítica sobre quem é representado nas narrativas visuais e quem permanece à margem? Trata-se de questionar quem se beneficia da visibilidade e do acesso aos meios de criação e circulação simbólica, e quais histórias são sistematicamente silenciadas.

Portanto, essas imagens registram e propõem uma reflexão ética, ambiental, social e política. Ao dar visibilidade a esses corpos e suas histórias, abre-se espaço para uma estética mais consciente e engajada, que reconhece o valor das memórias coletivas e das resistências cotidianas como parte essencial na construção de novas narrativas visuais e de uma modernidade mais justa e inclusiva.

Essa abordagem, ao integrar sustentabilidade, ancestralidade e responsabilidade social, propõe não além uma experiência estética experimentalmente atrativa, uma mudança de paradigmas. A moda e a imagem, quando articuladas de forma crítica, podem atuar como instrumentos de transformação, capazes de reposicionar sujeitos e territórios historicamente marginalizados no centro das discussões sobre futuro, progresso e pertencimento. “Ela está comprometida com duas técnicas diferentes, pois qualquer conotação implica, por um lado, uma transformação do signo em razão, mas por outro lado, abre o sistema inferior da ideologia do mundo” (Barthes, 1981, p. 309).

Desta forma, o objetivo central consiste em fomentar uma mudança de mentalidade por meio das imagens de moda, de forma que, a partir de novas experiências estéticas, sejam promovidas posturas éticas renovadas no âmbito desse campo.

A intenção é explorar o potencial da fotografia e da direção criativa como ferramentas para reeducar o olhar e estimular novos comportamentos de consumo, apresentando propostas estéticas que valorizem o vestuário sustentável de forma moderna, acessível e conectada à diversidade de estilos e corpos. A pesquisa em imagens reforça integração cultural por intermédio de ações que visem pensar o campo da moda dentro de uma dimensão ecológica. Para tanto, as imagens visam despertar emoções relativas às experiências estéticas da cultura do vestir.

Talvez mais importante ainda, o compromisso do SHOWstudio com as imagens em movimento leva o campo da fotografia de moda para além dos limites da imagem única e do formato de revista, explorando a moda e a criação de imagens de moda como processos situados. (SHINKLE, 2008, p. 22)

É fundamental reconhecer os profissionais que tornaram este processo possível: Louí Souza, fundador e designer da *Óposy*; e Raquell Guimarães, fundadora e designer da *Doiséllles*; além de Stella Flaqueto, maquiadora; e Fernando Vidulino e Marcela do Valle, responsáveis pela iluminação. Cada um, com sua sensibilidade e consciência, contribuiu para a construção de uma narrativa que une ética, estética e afeto. Este trabalho busca despertar um olhar mais atento às relações humanas por trás da imagem, valorizando o gesto coletivo e a potência transformadora da moda sustentável.

Ao propor novas possibilidades visuais, este trabalho busca reconstruir narrativas de personagens historicamente apagadas e marginalizadas, reinscrevendo suas memórias no campo da moda e da imagem. A pesquisa resulta em representações que tensionam o ideal moderno e apontam para caminhos mais justos, pautados na valorização social, cultural e ética dos processos criativos. Ao envolver peças produzidas com responsabilidade ética, entende-se que a imagem tem força simbólica e política: ela vai além da função do vestir, o signo passa por transformações. Em uma sociedade que multiplica objetos, multiplica-se também os sentidos, (Barthes, 1981), aquilo que nós vemos nas imagens de moda carrega muito mais do que a pragmática dos produtos industriais. As imagens de moda reforçam as narrativas históricas, os valores sociais e as identidades locais ou globais. Quando a imagem do pensamento sustentável passa a ser desejada, ela se fortalece como ação e como proposição de projeto para mudanças reais na sociedade.

2.1. O signo como memória

A metamorfose é o campo da memória, lugar onde o passado se refaz e o esquecido encontra novas formas de existir. É nesse território simbólico que este trabalho se inscreve, buscando recontar histórias marginalizadas e revelar outras versões da modernidade. Ao compreender a moda como linguagem capaz de transitar entre o real e o imaginário, propõe-se aqui a imagem como instrumento de transformação: um meio de costurar lembranças, afetos e resistências em narrativas visuais que não apenas recordam, mas reinventam. Assim, a fotografia de moda torna-se espaço de reconstrução e de pertencimento, onde a memória, em constante metamorfose, ressignifica o olhar e reacende o desejo por um futuro mais sensível e justo.

A metamorfose (tema que alimenta todas as culturas) é uma espécie de metáfora intensa, na qual se inscreve a força – sempre *sobrenatural* – que conduz a substância de um termo original a seu termo substitutivo. A metamorfose é uma metáfora na qual se imprime certa ideia do tempo. (BARTHES, 2005, p. 167).

Nesse sentido, a metamorfose torna-se também uma metáfora para o próprio gesto de reimaginar a moda: um deslocamento simbólico que permite ao objeto sobreviver ao tempo e ganhar novos sentidos. Quando o olhar se transforma, o vestígio do passado deixa de ser ruína e passa a ser matéria viva, tecido da memória. O ato de vestir ultrapassa o consumo e torna-se narrativa: uma forma de preservar histórias, corpos e identidades.

Em vez de reforçar ciclos de obsolescência simbólica, como frequentemente ocorre nas narrativas visuais da indústria, nas quais o novo se torna rapidamente descartável, busca-se compreender de que maneira essas imagens podem atuar na valorização do uso, da permanência e do vínculo afetivo com as peças. Isso implica um reposicionamento do olhar: não mais o da moda como aceleradora do descarte, mas como campo de construção de significados duradouros.

A estratégia adotada parte da criação de experimentos visuais que combinam apelo estético e profundidade simbólica, buscando comunicar uma moda sustentável ancorada na memória coletiva e nas identidades locais. As narrativas visuais apresentam Maria do Arraial e Cintura Fina como personagens modernas, resistentes e sedutoras, inseridas em cenários que dialogam com a vivência de cada uma e articula uma aproximação ao imaginário dos moradores de Belo Horizonte com suas lendas urbanas. Ao identificar elementos de força e encantamento em cada história, o trabalho transforma esses símbolos em componentes do imaginário coletivo, recontando trajetórias que, embora marginalizadas, continuam a exercer influência na formação social e cultural da cidade. Assim, a imagem de moda atua como um meio de reconhecimento e permanência, recuperando figuras apagadas pelo ideal moderno e reinscrevendo-as em um novo campo de visibilidade.

Maria do Arraial e Cintura Fina, foram figuras silenciadas, mas que desempenharam papéis importantes na modernização e resistência dentro da cidade, a imagem de moda passa a operar como um dispositivo de reconhecimento, pertencimento e valorização da história viva do território. Cria-se um imaginário de moda que, para além da função

estética, desperta desejo por meio da conexão afetiva e do conhecimento compartilhado, contribuindo para uma relação mais duradoura com o vestir, atrelado a memória.

A discussão sobre memória e esquecimento é fundamental quando se fala em processos de apagamento histórico e simbólico. O esquecimento pode ser entendido como um fenômeno natural da memória, aquilo que se perde com o tempo, de forma espontânea, subjetiva e inevitável. Já o apagamento, por outro lado, é um ato político e social, que envolve a escolha deliberada de silenciar certas narrativas, identidades e corpos em detrimento de outros. Nesse sentido, o apagamento não é ausência de lembrança, mas supressão de existência.

A chamada cultura de apagamento refere-se, portanto, a um sistema de produção de memória seletiva, que define o que é digno de ser lembrado e o que deve ser esquecido, mantendo estruturas de poder e exclusão. Essa cultura se manifesta em arquivos, imagens, narrativas e representações, especialmente quando corpos dissidentes, femininos, negros e periféricos são retratados apenas por meio de estereótipos ou são completamente omitidos da história oficial.

Ao propor a reconstrução imagética de figuras como Maria do Arraial e Cintura Fina, o trabalho busca justamente tensionar esse mecanismo, transformando o esquecimento em lembrança e o apagamento em presença, por meio da imagem e da memória coletiva.

2.2. Entre o signo e o sistema

O presente estudo tem como objetivo específico a criação de imagens que introduzam novas experiências estéticas, cuja mesmas estão fundamentadas nas dinâmicas de sustentabilidade propostas pelo Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS), em especial aqueles delineados na Agenda 2030 e projetados para a Agenda 2050.

Figura 1 – Representação dos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS)



Fonte: ONU BRASIL. *Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS)*. Disponível em: <https://brasil.un.org/pt-br/sdgs>. Acesso em: 5 jun. 2025.

A intenção é que essas imagens atuem como catalisadoras de discussões críticas, promovam novos afetos e estimulem uma sensibilidade ampliada no contexto da indústria da moda. Ao inserir o tema da sustentabilidade na dimensão sensível das representações visuais, busca-se transformar o marketing da moda sustentável em um ambiente mais atrativo, conectado com o público, contribuindo para fortalecer o engajamento das marcas com práticas responsáveis e ampliar seu alcance dentro de nichos do mercado. Dessa forma, as imagens produzidas passam a desempenhar um papel ativo na mediação entre estética, ética e mercado, contribuindo para uma cultura visual mais consciente e alinhada com os princípios do desenvolvimento sustentável. As ODS (Objetivos de Desenvolvimento Sustentável) diretamente relacionadas a esta proposta incluem:

ODS 12 – Consumo e produção responsáveis: ao promover práticas sustentáveis dentro da indústria da moda; ODS 13 – Ação contra a mudança global do clima: por meio da sensibilização visual que pode influenciar práticas de produção e consumo com menor impacto ambiental; ODS 9 – Indústria, inovação e infraestrutura: ao incentivar inovação estética e estratégica no setor da moda; ODS 17 – Parcerias e meios de implementação: ao fomentar articulações entre moda e sustentabilidade como meios de ação conjunta; ODS 4 – Educação de qualidade: ao contribuir para a formação crítica e estética da sociedade, sobre temas socioambientais (ONU, 2030, s/ paginação)

Nesse contexto, as imagens desenvolvidas, tornam-se um canal de aproximação e desejo do consumidor, cumprindo um papel de reposicionamento delas dentro da indústria e da história. A construção do projeto inicia-se com a análise de dois conjuntos distintos de

imagens de moda. O primeiro objetivo reúne produções voltadas a narrativas politizadas, com foco em debates sobre sustentabilidade e consciência social. O segundo objetivo concentra-se em representações que reforçam tendências visuais associadas ao consumo e ao mercado. A partir dessa comparação, busca-se identificar elementos simbólicos, expressões corporais, objetos cênicos e demais aspectos visuais que possam ser ressignificados na criação de novas propostas imagéticas.

Essas novas imagens têm como objetivo dialogar diretamente com o público jovem contemporâneo, utilizando a moda como ferramenta de reeducação estética, política e cultural. Pretende-se, assim, construir narrativas capazes de aproximar espaço e tempo, resgatando memórias de símbolos importantes da modernidade e, ao mesmo tempo, projetando um novo olhar político e ecológico. Nesse processo, evidencia-se também a presença de corpos frequentemente excluídos dos grandes centros urbanos e marginalizados pela sociedade, mas que são fundamentais na constituição da modernidade e, portanto, devem ser reconhecidos e valorizados.

Dessa forma, a análise comparativa entre as imagens com narrativas politizadas e as imagens que reforçam tendências visuais, busca-se compreender os mecanismos simbólicos por meio dos quais a moda se estabelece como agente de influência.

Reconhece-se que não é possível assegurar um desenvolvimento totalmente isento de impactos ambientais, contudo, o projeto se orienta por processos criativos cada vez mais próximos do ideal sustentável, explorando recursos de substituição e reaproveitamento que minimizem a geração de resíduos e incentivem um olhar mais consciente sobre os processos de produção.

Nesse sentido, valorizam-se espaços já existentes, como ambientes coletivos e urbanos, bem como o estúdio fotográfico compartilhado, escolhido para o desenvolvimento dos editoriais. Ao considerar que a proposta ecológica pode ser aplicada também nesses contextos, através do uso de materiais coletivos, reaproveitamento de recursos, dentre outros, estabelecendo-se como estratégias estéticas e sustentáveis.

Paralelamente, a proposta envolve experimentações em *styling*, iluminação e linguagem fotográfica, compreendidas como exercícios artísticos e, ao mesmo tempo, como meios de ampliar a expressividade das marcas participantes e das narrativas que se deseja construir. Assim, a fotografia se consolida como instrumento de criação, memória e mediação cultural, articulando ética, estética e sustentabilidade em busca de novas formas

de contar as histórias, não de maneira literal, mas a partir de um imaginário moderno reconstruído, que rompe com os ideais excludentes do passado e incorpora a diversidade, o pertencimento e a transformação como fundamentos de uma nova sensibilidade social.

3. PROCESSOS DE SIGNIFICAÇÃO E MEMÓRIA

Para melhor compreender como estabelecer uma comunicação efetiva entre o criador, produto e consumidor, a fim de que ele tenha êxito de identificação com seu público e gere o desejo de consumo. Faz-se necessário recorrer a apoios bibliográficos que auxiliem nos estudos ligados a imagem, a comunicação e ao marketing.

O livro, *Moda e sustentabilidade: uma reflexão necessária* (2017), da escritora Ana Paula Miranda, propõe reflexões e estudos acerca do estilo de vida contemporâneo, os hábitos de consumo, auxiliando na compreensão da forma de estruturação dos negócios em torno do mercado de moda para estabelecer estratégias.

Em *O Sistema da Moda* (1981), do semiólogo Roland Barthes, apresenta uma análise estrutural da moda enquanto linguagem, compreendendo-a a partir da perspectiva do signo. A obra investiga como a moda se manifesta não unicamente nos trajes, mas sobretudo nas representações e nas descrições, revelando a construção de significados por meio da imagem e do discurso, sendo fundamental para a compreensão dela como um sistema de signos sociais.

Outro referencial importante é o livro *Fashion as Photograph: Viewing and Reviewing Images of Fashion* (2008), de Eugénie Shinkle, que oferece reflexões essenciais sobre a construção das imagens de moda e o papel social que elas desempenham, sendo um fenômeno complexo, que deve ser tratado com a devida seriedade, além de abordar a importância da construção do olhar sensível durante o desenvolvimento das imagens.

Em seguida, parte-se para a criação de um atlas de imagens, que permitirá a análise e comparação de diferentes abordagens visuais dentro do campo da moda sustentável. Para essa etapa, consideram-se como referência marcas que vêm se destacando pelo compromisso com práticas éticas e ambientais, como a marca britânica *Stella McCartney*, pioneira em moda livre de crueldade animal e processos tecnológicos sustentáveis, e a brasileira *Flavia Aranha*, que se destaca pelo uso de matérias-primas naturais e pelo envolvimento direto com comunidades de produção artesanal.

Serão exploradas referências teóricas sobre marketing de moda, design visual e comportamento de consumo, além da análise de produções fotográficas que adotam esse viés mais propositivo e inspirador, potencializando a imagem como agente de transformação. Mais do que ilustrar tendências, a imagem pode atuar como um veículo provedor do consumo consciente e de práticas sustentáveis.

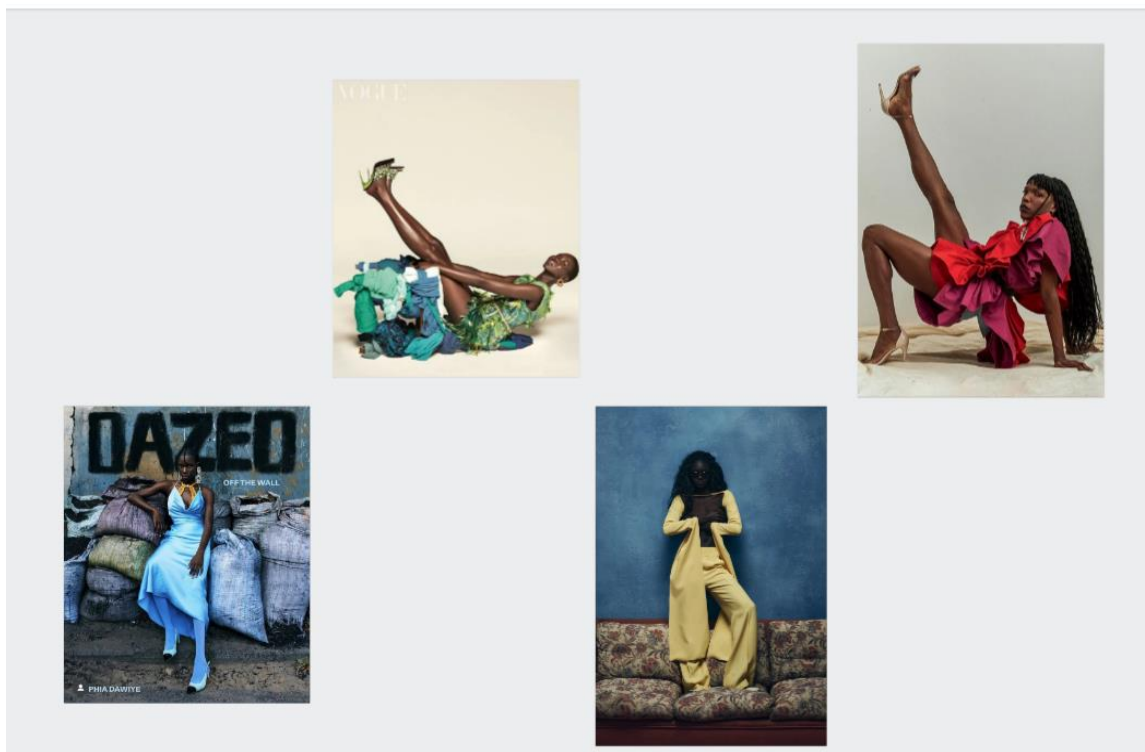
Além disso, é fundamental destacar a pesquisa histórica realizada sobre cada uma das personagens representadas neste estudo, com atenção especial ao livro *Enverga, mas não quebra: Cintura Fina em Belo Horizonte*, de Luiz Morando (2020). A obra recupera a história de Zezé Alfaiate, conhecida como Cintura Fina, na capital mineira, resgatando sua memória de maneira precisa e digna. Sem esse trabalho, seria difícil reconstruir a trajetória de uma personagem tão significativa para a história local, especialmente considerando que, em representações anteriores, sua imagem foi distorcida, como na minissérie *Hilda Furacão* (direção de Wolf Maya, roteiro de Glória Perez, baseada na obra de Roberto Drummond, TV Globo, 1998), composta por 24 episódios de aproximadamente 45 minutos cada, em que foi retratada de forma errônea. Luiz Morando busca corrigir essas distorções, trazendo à luz a realidade dessa travesti cearense que viveu muitos anos na cidade, promovendo a humanização de sua história e reconhecendo a dignidade de seu corpo e de sua trajetória.

A partir dessas referências, o banco de imagens será organizado em três grupos: imagens de inspiração, que apresentam elementos estéticos, técnicos ou simbólicos de interesse para a construção das imagens de moda deste projeto; imagens de moda que provocam desejo ou alimentam o campo da imaginação do espectador; e imagens voltadas para campanhas com foco em sustentabilidade, nas quais se destacam preocupações ambientais, sociais e éticas na forma de comunicar produtos e conceitos.

A análise comparativa entre esses três grupos constitui uma etapa fundamental para a construção do lado sensível das imagens, contribuindo para a compreensão dos cenários, simbologias e linguagens visuais envolvidas em sua produção. Essa abordagem permite reconhecer tendências contemporâneas e práticas inovadoras, além de fornecer parâmetros conceituais e estéticos sólidos para a formulação de decisões visuais coerentes com a identidade e os objetivos do projeto. O processo de direção de arte se fortalece como campo crítico e criativo, capaz de integrar sustentabilidade, autenticidade e impacto simbólico.

Figura 2 – Dualidade (Colagem Digital)

DUALIDADE



Fontes: JANSSON, Mikael. *Off the Wall – Dazed Spring 2023*. Fotografia: Mikael Jansson; styling: Ibrahim Kamara. Dazed, 2023. Disponível em: <https://www.dazeddigital.com/fashion/gallery/31976/1/off-the-wall-dazed-spring-2023>. MCDEAN, Craig. *Adut Akech and Rianne Van Rompaey by Craig McDean for British Vogue February 2020*. Fashionotography, 13 jan. 2020. Disponível em: <https://glamour.globo.com/entretenimento/noticia/2020/03/conheca-historia-de-majur-o-novo-rosto-da-musica-brasileira.ghml>.

Em seguida, parte-se para a escolha das marcas que serão trabalhadas nessas experimentações imagéticas, entender seus objetivos, missão, valores e público-alvo. E desta forma, construir em conjunto com seu criador, uma história que faça sentido para ser divulgada com o público desejado, a fim de contar uma nova história que se aproxime dessas personagens em um contexto contemporâneo, sendo um elemento crucial para que a comunicação não se torne genérica e dispersa e comprometa a efetividade da mensagem. Portanto, a comunicação deve ser suficientemente eficaz a ponto de fazer com que o público-alvo se sinta genuinamente representado nas imagens desenvolvidas, garantindo identificação e reforçando o engajamento com a proposta editorial.

Após a seleção das marcas, busca-se incorporar estratégias sustentáveis também no processo de criação imagética, como possíveis reaproveitamentos de materiais

recicláveis, uso de espaços e equipamentos coletivos, aproveitamento de recursos naturais limpos e/ou renováveis, pensando no ponto principal, que é a busca por tornar os processos com ideais de responsabilidade sustentável.

No contexto da moda enquanto um fenômeno de influência, a divulgação das imagens deve ser compreendida como uma estratégia central de difusão simbólica e construção de imaginários. A presente pesquisa propôs, em sua etapa inicial, a apresentação de editoriais de imagens realizado no estúdio de fotografia da Escola de Belas Artes, com a participação de profissionais da área criativa. As imagens tiveram como objetivo estabelecer um campo de identificação e desejo alinhado à moda sustentável, demonstrando como foi possível construir visualidades que dialogassem com o público jovem de forma sensível e ética.

Em seguida, o editorial transforma-se em um catálogo físico, fotolivro, que funcione não exclusivamente como suporte estético, mas também como instrumento narrativo, reunindo moda e memória. A proposta é que esse material revele, por meio de imagens e textos breves, figuras historicamente marginalizadas que, embora invisibilizadas nos discursos oficiais, desempenharam papel fundamental nos processos de modernização da cidade de Belo Horizonte.

Personagens como Maria do Arraial e Cintura Fina, evidenciam como esses corpos e histórias, muitas vezes tratados como obstáculos ao progresso, são, na realidade, parte essencial de sua construção. Ao retomar tais personagens, busca-se também resgatar um público que reivindica uma modernidade pensada de forma inclusiva, em que o verdadeiro sentido do moderno se associa à ética e à sustentabilidade, e não à lógica excludente imposta pelos modelos tradicionais. Esse movimento dialoga diretamente com o público das marcas parceiras, fortalecendo o sentimento de pertencimento a histórias ligadas à construção da cidade e do centro político-cultural do estado.

3.1 Narração dos signos

A personagem Maria do Arraial, foi uma mulher negra que habitava o Arraial Curral Del'Rey, antiga Belo Horizonte. Seus dados pessoais, como nome biológico, data de nascimento e demais informações, foram historicamente apagados, restando apenas fragmentos de memória popular sobre sua existência. “Maria do Arraial” tornou-se, portanto, um apelido atribuído pela comunidade, em referência ao lugar onde vivia. Após

o incidente que marcou seu desaparecimento, não se soube mais sobre seu destino, perpetuando o mistério e o silenciamento que cercam sua trajetória.

Tal incidente refere-se à construção planejada da nova capital mineira, cujo a Comissão Construtora da Nova Capital (CCNC) iniciou, em 1894, um processo de desapropriação que resultou na remoção forçada dos moradores da região, incluindo Maria do Arraial, para dar lugar à edificação do Palácio da Liberdade e à Praça da Liberdade. A casa de Maria situava-se exatamente onde atualmente encontra-se o Palácio, antiga sede dos governadores do Estado de Minas Gerais.

Diante da destruição de sua residência, Maria teria protestado contra o despejo e, segundo relatos, lançado uma maldição sobre os futuros governadores que habitassem o palácio, hoje um símbolo de resistência contra a marginalização da população negra na cidade. Em julho de 2023, o Movimento de Luta nos Bairros, Vilas e Favelas (MLB) nomeou uma ocupação no centro de Belo Horizonte em sua homenagem, buscando resgatar a memória de Maria do Arraial e denunciar a continuidade da exclusão social e da especulação imobiliária na cidade.

Já a segunda personagem, ²Zezé Alfaiate, conhecida popularmente como Cintura Fina, foi uma travesti cearense que se destacou na cena boêmia de Belo Horizonte nas décadas de 1950 e 1960. Sua trajetória é retratada no livro *Enverga, mas não quebra: Cintura Fina em Belo Horizonte*, de Luiz Morando, o livro foi publicado pela Editora O Sexo da Palavra em 2020. A obra apresenta uma narrativa não linear que busca resgatar a memória de uma personagem marginalizada pela sociedade da época, oferecendo uma visão mais humanizada e complexa de sua vida e identidade.

Nascida em 1933, em Fortaleza, Ceará, Cintura Fina mudou-se para Belo Horizonte aos 20 anos. Sua presença na cidade foi marcada por sua identidade de gênero não conformista e por sua atuação nas ruas dos bairros Bonfim e Lagoinha, áreas conhecidas por sua vida boêmia. Ela era frequentemente alvo de agressões policiais devido à sua identidade de gênero e sua profissão como trabalhadora do sexo. Para se defender, Zezé utilizava uma navalha, o que lhe rendeu diversos inquéritos policiais por furto e lesão

² Segundo a biografia escrita por Luiz Morando, Cintura Fina nasceu como José Arimatéia Carvalho da Silva (1933–1995) e, após uma trajetória marcada por múltiplas ocupações e períodos de detenção, passou a exercer o ofício de alfaiate quando já vivia em Belo Horizonte, origem do nome pelo qual ficou conhecida, Zezé Alfaiate.

corporal. Apesar das dificuldades, ela também era reconhecida por sua generosidade e solidariedade com os menos favorecidos.

O livro de Morando destaca a importância de Zezé na história da cidade, não só como uma figura marginal, mas como uma mulher que, apesar das adversidades, construiu uma identidade própria e deixou um legado de resistência e luta pela visibilidade e dignidade das pessoas trans e travestis.

Além de toda a representação histórica a partir de uma nova leitura dessas personas e o material construído para recontar sob um novo olhar essas histórias, pretende-se, ainda, disponibilizar as imagens às marcas parceiras selecionadas para o desenvolvimento do editorial, compostas por iniciativas da cena de moda política e sustentável de Belo Horizonte, marcas comprometidas com práticas éticas e ecológicas. Mais do que um direito de divulgação, essa entrega representa um recurso estratégico para o fortalecimento da identidade das próprias marcas, permitindo que utilizem as imagens em campanhas e redes sociais de forma integrada a seus valores.

Dessa forma, busca-se inspirar identificação e engajamento junto ao público, além de estimular a construção de discursos visuais potentes e coerentes com os princípios socioambientais.

4. A ANDRAGOGIA DO VESTUÁRIO

A moda, enquanto mecanismo de comportamento humano, desempenha papel essencial na construção de imaginários coletivos. “A ideia que o homem tem do belo imprime-se em todo o seu vestuário.” (Baudelaire, 1998, p. 05). Ela é uma linguagem visual que molda o tempo, a história e a imaginação social. Nesse sentido, a imagem de moda, tanto como produto quanto como símbolo, torna-se uma ferramenta potente para a reeducação do consumo e a valorização de práticas mais conscientes dentro da indústria.

Como destaca Miranda (2017, p. 29), “produtos são providos de significados na sociedade”, e é justamente dentro desse potencial simbólico que construiremos um novo imaginário sustentável. Neste contexto, mais do que informar, é necessário seduzir, a estética da moda sustentável precisa ultrapassar a linguagem da denúncia para se tornar também um objeto de desejo. Para isso, é fundamental compreender como a moda constrói imagens aspiracionais que, historicamente, moldaram estilos de vida e orientaram formas de pertencimento.

Segundo Miranda (2017, p. 29), “para um objeto funcionar como símbolo é necessário que este compartilhe da realidade com seus compradores”. Assim, para que essas novas imagens sejam eficazes, é preciso criar um cenário de desejo que dialogue diretamente com a realidade do consumidor e suas aspirações. Isso inclui delimitar com clareza o público-alvo, adaptando a narrativa visual e simbólica de acordo com os valores e referências desse nicho específico.

Nesse sentido, repensar a produção da imagem de moda torna-se urgente frente ao atual panorama de consumo desenfreado, frequentemente impulsionado pela obsolescência programada. Esse padrão reflete um modelo de criação e produção orientado por materiais de curta durabilidade, que estimulam a compra constante e a atualização ininterrupta das novidades do mercado.

Atualmente, lidamos com o consumo desenfreado, frequentemente impulsionado pela obsolescência programada. Ele reflete um modelo de criação e de produção orientado por materiais de curta durabilidade, que incentivam a contínua compra e a atualização das novidades no mercado. Esta prática promove uma desvalorização em cadeia do ofício relacionado ao campo da moda, afetando tanto os processos de criação e produção das peças quanto o uso e a conservação das roupas pelo (a) usuário (a).

O excesso de lançamentos no mercado da moda contribui diretamente para a multiplicação das imagens, que circulam de forma intensa nas redes sociais, em campanhas publicitárias e editoriais. A produção dessas imagens, frequentemente orientada por tendências fugazes e por padrões estéticos efêmeros, constrói e reforça uma percepção de que o valor das peças está atrelado à sua novidade e visibilidade momentânea. Quando uma imagem perde seu apelo visual ou deixa de representar o “novo”, as roupas associadas a ela tendem a ser descartadas. A imagem, portanto, não simplesmente comunica a moda, mas regula o ciclo de desejo e descarte, tornando-se um agente ativo na obsolescência simbólica das peças.

Esse sistema, amplamente difundido no contexto capitalista contemporâneo, tem se expandido de forma preocupante, principalmente no setor de moda, isso gera impactos ambientais significativos. Ao estimular ciclos acelerados de consumo e descarte, as imagens de moda também são responsáveis pela crise ambiental, contribuindo de forma sistêmica para o agravamento do aquecimento global e demais consequências associadas aos desastres ambientais. Diante desse cenário, a adoção de práticas sustentáveis deixa de

ser uma escolha opcional para se tornar uma exigência ética e estratégica, alinhada às urgências ecológicas do presente.

A indústria da moda ocupa posição de destaque no cenário global não meramente por sua dimensão econômica e cultural, mas também por seu elevado impacto ambiental.

Estudos indicam que o setor é responsável por cerca de 10% das emissões globais de gases de efeito estufa e por aproximadamente 20% da poluição industrial de águas limpas, em grande parte devido aos processos de tingimento e acabamento têxtil (Time, 2023; European Parliament, 2020). Soma-se a isso o intenso consumo de recursos hídricos: estima-se que a produção têxtil utilize entre 79 e 93 bilhões de metros cúbicos de água por ano, volume suficiente para abastecer milhões de pessoas (Gitnux, 2025).

Outro aspecto alarmante refere-se ao descarte de resíduos. Anualmente, são geradas cerca de 92 milhões de toneladas de roupas, sendo que aproximadamente 85% desse volume é destinado a aterros ou à incineração (Wifitalents, 2025). Como grande parte dessas peças é confeccionada a partir de fibras sintéticas, derivadas do petróleo, o impacto se agrava: durante a lavagem, microfibras são liberadas e acabam contaminando rios e oceanos (European Parliament, 2020).

Nesse contexto, evidencia-se a necessidade urgente de repensar os modos de produção e consumo da moda. A sustentabilidade, portanto, não deve ser tratada como mera tendência de mercado, mas como um princípio estruturante capaz de orientar toda a cadeia produtiva, do design à distribuição, incorporando práticas que reduzam resíduos, promovam consciência social e façam uso responsável dos recursos naturais.

Além de reduzir impactos ambientais, é essencial promover uma reeducação cultural que estimule a adoção de práticas éticas e responsáveis mais rigorosas por parte de marcas, produtores e consumidores. A moda sustentável deve ser compreendida não apenas como uma alternativa possível, mas como uma escolha desejável, capaz de unir responsabilidade ecológica, consciência social e expressão individual e coletiva.

Diante desse contexto, a presente pesquisa propõe o desenvolvimento de práticas visuais críticas e andragógicas, que associem estratégias educativas ao estímulo de transformações nos padrões de consumo e nas formas de utilização do vestuário.

Compreender como essas imagens moldam comportamentos, identidades e pertencimentos, e de que forma podem ser ressignificadas para construir uma estética sustentável desejável, naturalizada e culturalmente próxima de seu público-alvo.

A direção de arte adotada na pesquisa propõe alternativas criativas que estejam verdadeiramente alinhadas aos princípios da sustentabilidade. Para isso, pretende-se utilizar materiais recicláveis, priorizar recursos de baixo custo, de uso coletivo. Mais do que uma escolha estética, trata-se de um posicionamento ético, coerente com os pilares da moda sustentável. A prática se torna uma extensão do discurso, reforçando a necessidade de repensar não exclusivamente o consumo, mas também os modos de produção visual da moda contemporânea.

Figura 3 – *Stella McCartney* coleção Resort 2023 — Look 12



Fonte: TAGWALK. *Stella McCartney Resort 2023*.

Figura 4 – *Flávia Aranha* coleção 2025



Fonte: *FLAVIA ARANHA. Calça Emma Seda Textura Chumbo Romã* (2025).

Nas imagens ilustradas acima, ambas as marcas, *Stella McCartney* e *Flávia Aranha*, são reconhecidas por seus valores éticos sustentáveis e utilizam a imagem como um canal estratégico de comunicação com o público. Em suas plataformas, elas criam narrativas visuais atraentes, acompanhadas de legendas reflexivas e informativas que expõem de maneira transparente seus processos produtivos.

Essa abordagem enfatiza que o valor agregado à moda sustentável vai além da estética: está também no cuidado com o fazer, na valorização dos saberes tradicionais e nas tecnologias envolvidas na criação de peças comprometidas com o meio ambiente e com os direitos humanos.

Desta forma, ambas as marcas seguem com seus ideais, mantendo uma conexão imagética atrativa para o seu público e ao entender a comunicação destes dois exemplos, contribui-se diretamente para a construção e direção de arte que respeita os pilares da sustentabilidade desejado, sem deixar de lado todas as questões de fidelização com o cliente por meio do despertar do desejo também.

5. AS MARCAS

A primeira marca em parceria de trabalho é a *Óposy*, trata-se de uma marca mineira, da cidade de Belo Horizonte, idealizada no ano de 2023 por Louí Souza (diretor criativo e

empreendedor). Ele trabalha com técnicas de *Rework*, uma prática que consiste em transformar peças já existentes, por meio de intervenções de design, costura e customização, de forma a criar produtos a partir de materiais que perderiam valor ou seriam descartados. Essa abordagem permite dar nova função estética e utilitária às peças, mantendo sua qualidade e prolongando seu ciclo de vida.

Além disso, a marca também trabalha com o *Upcycling*, que é o reaproveitamento criativo de materiais descartados, prolongando sua vida útil e reduzindo impactos ambientais, com qualidade igual ou superior à original. As técnicas compartilham o mesmo propósito: prolongar a vida útil dos materiais e reduzir o desperdício.

Além do compromisso com práticas sustentáveis, a marca tem buscado se firmar no mercado com propostas que acolham a diversidade de quem veste suas peças. Uma de suas iniciativas é a criação de uma tabela de medidas pensada para respeitar as proporções agênero, desenvolvida para contemplar diferentes corpos sem se restringir ao padrão binário de tamanhos masculinos e femininos. Esse tipo de tabela busca respeitar as múltiplas proporções corporais existentes, oferecendo numerações que consideram variações de busto, cintura, quadril e comprimento de forma mais inclusiva.

Ao fazer isso, a marca reforça seu engajamento com causas sociais e com a comunidade LGBTQIA+, mostrando que a moda pode e deve ser um espaço de escuta e pertencimento, visando a inclusão, que segue contra os padrões tradicionais e desta forma estabelecer sua comunicação com um público jovem, engajado com causas sociais, diversidade e sustentabilidade.

A segunda marca parceira é a marca *Doiséllles*, uma grife mineira, com sede em Belo Horizonte, fundada por Raquell Guimarães. Onde desde sua criação no ano de 2008, destaca-se por sua proposta de moda inclusiva e sustentável, utilizando técnicas manuais como o crochê e o tricô em suas produções. Essas técnicas, muitas vezes vistas como artesanato, são elevadas à categoria de moda contemporânea, conferindo às peças um caráter autoral e inovador.

Além do compromisso com a sustentabilidade, a marca também se dedica à inclusão social. Por meio do projeto "Flor de Lótus", oferece oportunidades de trabalho e capacitação para pessoas em situação de vulnerabilidade social, incluindo detentos do sistema prisional. Esse projeto visa não unicamente a reintegração social, mas também a

valorização do trabalho manual como ferramenta de transformação e empoderamento social.

Com uma estética que mistura o tradicional e o contemporâneo, a *Doisélles* tem conquistado espaço no cenário da moda brasileira sendo reconhecida por sua atuação ética e inovadora.

A construção da narrativa visual proposta neste trabalho busca estabelecer uma conexão profunda entre as marcas *Óposy* e *Doisélles* e as figuras históricas de Maria do Arraial e Cintura Fina, respectivamente. Essa escolha não é apenas estética, mas também simbólica, visando ressaltar a resistência, a ancestralidade e a luta por visibilidade e respeito dessas personagens.

5.1. O amadurecimento do projeto fotográfico

A primeira fase do projeto fotográfico teve como referência a personagem Maria do Arraial, que orientou a construção inicial do conceito visual, do *styling* e da iluminação. Nessa etapa, o projeto foi desenvolvido com o intuito de experimentar diferentes elementos para a construção da narrativa visual, explorando possibilidades estéticas e simbólicas que auxiliassem na tradução do drama e da identidade da personagem. Abaixo podemos observar os primeiros esquemas de iluminação desenvolvidos para a narrativa da história.

Figura 5 – Esquemas de Iluminação do Editorial 1 Maria do Arraial para a *Óposy*



Fonte: imagens da autora, 2025.

Contudo, ao analisar os resultados obtidos, foi possível identificar a necessidade de ajustes para aprimorar a comunicação pretendida, já que o excesso de informações visuais comprometia a leitura do foco principal: a relação entre a personagem e sua vestimenta. A proposta passou por um processo de aperfeiçoamento, buscando alinhar-se aos objetivos conceituais e visuais definidos para o fotolivro final.

Optou-se, então, pela utilização da iluminação como principal elemento de ambientação de ambas as personagens, de modo que a luz assumisse o papel narrativo de conduzir o olhar e estabelecer a conexão entre as duas. A escolha por manter o estúdio como espaço de produção foi motivada pelo maior controle técnico de luz e sombra, a partir dos materiais disponíveis, reforçando a atmosfera dramática de forma mais precisa e intencional. Além disso, a beleza da personagem Maria passou por ajustes a partir do *moodboard*, visando alinhar a estética visual à linguagem fotográfica e conceitual desejada para a etapa final do projeto.

6. ENTRE O APAGAMENTO E A PRESENÇA

Com o objetivo de evidenciar o potencial do espaço de estúdio dentro de uma proposta de produção sustentável e uso coletivo, a utilização do estúdio localizado na Escola de Belas Artes da UFMG, foi o escolhido para desenvolvimento das práticas experimentais deste trabalho. O estúdio possui diversos equipamentos reaproveitados, doados e

adaptados para novas funções, promovendo a economia de recursos e a valorização do patrimônio existente. Tal escolha elimina a necessidade de aquisição de materiais específicos para um único ensaio, priorizando o uso consciente e colaborativo da infraestrutura já disponível.

O primeiro desenvolvimento experimental realizado neste ambiente foi Maria do Arraial, utilizando peças da marca *Doisélles*. A proposta baseia-se na aplicação do crochê e do tricô, técnicas artesanais profundamente enraizadas na cultura brasileira, como meio de estabelecer um vínculo com a ancestralidade e com o fazer manual, elementos que se relacionam diretamente à história da personagem. As peças selecionadas para a construção dessa releitura apresentam, em sua maioria, tons neutros e escuros, culminando em uma peça clara. Todas possuem brilho e texturas diversas, acompanhando a narrativa imagética que traduz a trajetória de Maria do Arraial: uma personagem que transiciona do apagamento para uma manifestação concreta do ser, cuja presença resiste e, mesmo diante da invisibilidade, mantém o brilho e a potência de sua persona.

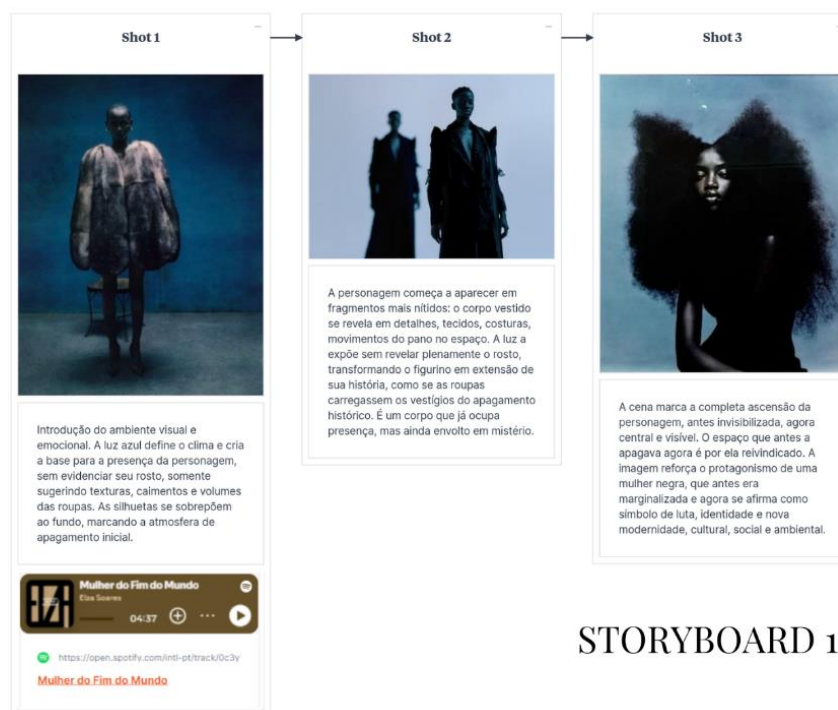
A narrativa imagética desenvolvida ao longo do ensaio fotográfico tem como base a figura de Maria do Arraial, personagem marginalizada cuja trajetória foi historicamente silenciada pelo sistema. Traz nas primeiras imagens a personagem apresentada de forma fragmentada, ocultada em sombras e composições que remetem ao apagamento e à tentativa de visibilizá-la. Essa representação inicial reflete o esforço institucional em apagar sua presença e história.

À medida que a sequência fotográfica se desenvolve, a personagem emerge progressivamente no enquadramento, ganhando centralidade, luz e expressão. Essa evolução simbólica representa sua ruptura com o silenciamento imposto, assumindo uma postura desafiadora frente às estruturas que tentaram apagá-la. O ensaio, portanto, retrata não meramente a reapropriação de sua identidade, mas também sua ascensão como figura de resistência, inspirando movimentos sociais e culturais contemporâneos. A construção visual, por meio da direção de arte, uso da luz, enquadramentos e expressão corporal, reforça o protagonismo de uma mulher que, antes marginalizada, agora ocupa o espaço público como símbolo de luta.

O cenário, por sua vez, foi desenvolvido com base em uma estética que remete a uma narrativa assombrada, com uso de iluminação propositalmente enigmática para sua composição, além de materiais, oriundos de doações e compartilhados entre diferentes

projetos, cujo mesmo não foram criados especificamente para esta produção, mas ressignificados dentro da proposta visual e conceitual, preservando o compromisso com a reutilização e a coletividade.

Figura 6 – Storyboard (Colagem Digital)



Fonte: HARPER'S BAZAAR US SEPTEMBER 2022. *Anne of Carversville*, 2022. Disponível em: <https://anneofcarversville.com/fashion/2022/9/23/gabriel-moses-harpers-bazaar-us>; MARGIELAS, Maison. *ELECTRICGEEL-MANAZINE*. Maison Margiela SS21 Kollektion neu interpretiert durch Arcin Sagdic & Ezra Miller. 2021. Disponível em: <https://electricfeel-magazine.com/maison-margiela-ss21-kollektion-neu-interpretiert-durch-arcin-sagdic-ezra-miller/>; GAGOSIAN. Exibição de arte: *Avedon & Me*. Paris. 6 nov. 2024. Instagram: @gagosian. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/DCCqm5YRN8/>.

O *styling* de Maria do Arraial, foi construído a partir de estudos imagéticos e históricos da personagem e demais figuras contemporâneas que, como ela, fazem parte da cultura de apagamento na construção moderna das grandes cidades. Desta forma, a narrativa é traçada a partir de uma trajetória e simbolismos que fundamentam toda a proposta visual. O quadro de inspiração para essa leitura pode ser observado na imagem 6, que sintetiza os elementos referenciais que guiaram a concepção do trabalho.

Parte-se para a concepção de releitura dessa figura feminina, de forma simbólica, que a posiciona como uma entidade mítica e potente. A construção visual transita deliberadamente de uma imagem inicial que evoca o ocultamento social, o caráter

fantasmagórico, para uma presença que se afirma, fascina e ocupa o espaço com autoridade, tanto estética quanto simbólica.

Figura 7 – Moodboard Personagem Maria do Arraial



Fonte: CREATIVIDEAS. *Dia Mundial do Refugiado – 20 de junho: vetor ilustrativo*. [ilustração vetorial]. Freepik; MARTINS, Ana Clara. *Curta de Minas Gerais vence Prêmio Itaú Cultural Play no Festival Visões Periféricas*. Telaviva, 18 mar. 2025; MUSA, Priscila Mesquita. *Quem vê cara não vê ancestralidade: arquivos fotográficos e memórias insurgentes de Belo Horizonte*. 2022. 321 f. Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo) – Universidade Federal de Minas Gerais, Escola de Arquitetura, Belo Horizonte, 2022.

6.1. Beleza e memória

No campo da construção da beleza, a proposta caminhou no sentido de valorizar a naturalidade, preservando a identidade e autenticidade da personagem. A direção conceitual partiu de estudos imagéticos sobre Maria e sua trajetória, de modo a evidenciar, em cada detalhe, seu orgulho ancestral e sua força de resistência (figura 6).

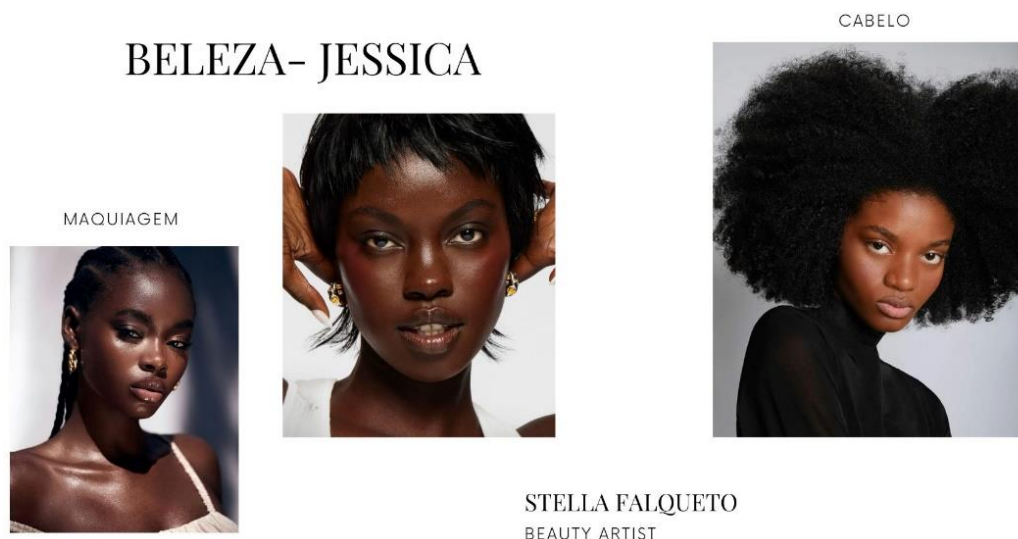
Seguindo essas diretrizes, a maquiadora Stella Falqueto³ foi orientada a construir uma estética em que a boca iluminada, surge como símbolo da personagem que não se cala diante das opressões do sistema, reivindicando seu espaço de fala e expressão. O cabelo, mantido em sua forma natural e cuidadosamente estilizado, assume papel central na

³ Stella Falqueto é maquiadora, formada em Design de Moda pela UFMG, atua no mercado da moda, especializada em realçar a beleza natural de cada cliente, trazendo técnicas que valorizam traços únicos com sofisticação e leveza. Com um olhar *fashion* e sempre atento às tendências, Stella transforma a maquiagem em uma experiência que une autenticidade e modernidade, criando produções que destacam a personalidade sem perder a elegância.

construção da imagem da personagem. Suas formas e texturas são exploradas para criar silhuetas que dialogam com a composição de *styling*, ao mesmo tempo em que o penteado é organizado de maneira a deixar o rosto plenamente visível, evidenciando a expressão e o olhar da personagem. Essa escolha estética não apenas reforça sua presença no enquadramento fotográfico, como também contribui para a narrativa visual de protagonismo e da identidade negra. O *black power*, enquanto expressão estética e política, carrega um poder ancestral e contemporâneo de representação da cultura preta, sendo símbolo de resistência, afirmação identitária e orgulho. Mais do que um simples penteado, funciona como extensão da personagem, reafirmando suas raízes e materializando a presença de sua história e ancestralidade dentro de uma narrativa imagética marcada por força, visibilidade e pertencimento.

A construção dessa beleza não busca encobrir, mas revelar. Cada escolha visual reafirma a potência de Maria do Arraial como corpo que resiste ao apagamento histórico. Sua imagem devolve dignidade, memória e voz a uma mulher cuja história permanece e é celebrada.

Figura 8 – Beauty da Personagem Maria do Arraial



Fonte: KIARA PIKE PORTFOLIO PRINT. *Ford Models*, 2025. Disponível em: <https://fordmodels.com/miami/profile/kiara-pike/?board=women>. KULAK, Natalia. Milk Makeup Cloud Glow Priming Foam. *PBL MAGAZINE*, 14 mar. 2024. Disponível em: <https://www.pblmagazine.co.uk/launches/milk-makeup-cloud-glow-priming-foam>. PINTEREST, 2025. Usuário: @briannabethea99. Disponível em: <https://br.pinterest.com/pin/988751293185722383/>.

6.2. Iluminação maria do arraial

A iluminação, desenvolvida em colaboração com o fotógrafo Fernando Vidulino⁴ e Marcella Marzano do Valle⁵, constrói uma narrativa imagética junto a evolução simbólica da personagem ao longo do ensaio. Nos primeiros registros, o uso da iluminação para ambientação do cenário, tal como a Godox e os LED's utilizados como luz dura, proporcionam a predominância do uso de sombras e contraluz, que destacam silhuetas, formas e texturas do figurino, enquanto a identidade facial permanece parcialmente oculta. Tal recurso remete ao apagamento histórico sofrido pela personagem, cuja voz foi silenciada pelo poder político da época. À medida que a construção cênica avança, a iluminação torna-se progressivamente mais direta e reveladora, evidenciando detalhes do

⁴ Fernando é graduando em Design de Moda pela Universidade Federal de Minas Gerais, fotógrafo de moda e diretor focado em campanhas publicitárias, com narrativa visual marcante para um público adulto e jovem. Ele tem experiência em editoriais, ensaios autorais diversos com um olhar para luz, direção de modelos e atores, construção estética e *casting*.

⁵ Marcella é graduada em Artes Visuais pela Universidade Federal de Minas Gerais, com bacharelado em pintura (2024). Participação em exposições na Escola de Belas Artes UFMG, Escola Guignard UEMG e Centro Cultural UFMG. Atuação como monitora de estúdio de fotografia da Escola de Belas Artes da UFMG. Atua como colaboradora no PismaLab - Laboratório de Fotografia Técnica e Científica da UFMG como prestadora de serviços de fotografia de obra de arte.

vestuário e trazendo maior centralidade à figura encenada. Nesse processo, a luz não só ilumina, mas reconstrói o espaço de fala e visibilidade negado à personagem, transformando-a em um corpo que resiste ao esquecimento. No desfecho, sua presença se impõe como dominante no enquadramento, o corpo iluminado converte-se em metáfora de resistência, reafirmando sua permanência simbólica diante das tentativas de apagamento.

Na imagem 8, observa-se a disposição dos equipamentos de iluminação ao longo da construção cênica, acompanhando a evolução da presença da personagem em cena. A luz azul, proveniente de uma fonte contínua Godox FV150 com gelatina azul, permanece constante durante toda a sequência, voltada para a parede. Sua função é compor a ambientação visual, ela confere à cena um caráter fantasmagórico e misterioso. O imaginário ancestral é evocado através do vestuário, pela paleta terrosa das peças, que remetem ao minério das Minas Gerais, estabelecendo uma ponte entre memória, território e identidade.

No primeiro momento da sequência, a iluminação se organiza a partir de uma contraluz, com uso de LED traseiro, contorna discretamente a silhueta da personagem. Essa configuração mantém a identidade parcialmente velada, reforçando simbolicamente o apagamento histórico que a narrativa busca tencionar. Em instantes específicos, a câmera opera em longa exposição, produzindo um borrado intencional que intensifica a sensação fantasmagórica da história, ampliando o caráter espectral da encenação.

No segundo momento, a composição passa a incluir duas iluminações laterais de LED's, duras e rebatidas, que intensificam o contraste e a presença da personagem em cena, ainda sem revelá-la por completo. A imagem privilegia o desenho da silhueta e a materialidade do vestuário, criando uma tensão entre ocultamento e revelação. Essa ambiguidade visual reforça a condição liminar da personagem: presente, mas ainda submetida ao gesto histórico do silenciamento.

No terceiro momento, a narrativa atinge seu ponto de inflexão, ao reposicionar a personagem no espaço cênico, enquanto uma fonte de luz dura, posicionada em ângulo diagonal frontal (cerca de 45° em relação à modelo), ganha protagonismo. Essa luz é modulada por um recurso artesanal, uma máscara quadrada em papel preto, que restringe sua área de incidência, criando um enquadramento luminoso direcionando a atenção do espectador para a personagem. Em complemento, a iluminação frontal elevada confere

maior definição às formas e consolida sua presença visual. Se nos primeiros registros sua imagem oscilava entre sombra e apagamento, aqui o corpo iluminado se afirma como metáfora de resistência, transformando a fotografia em espaço de memória e permanência simbólica.

Figura 9 – Esquemas de Iluminação do Editorial Maria do Arraial para a *Doisélles*



Fonte: imagens da autora, 2025.

7. O BRILHO INTERMITENTE

O segundo processo técnico e criativo, também desenvolvido no Estúdio da Escola de Belas Artes, centra-se na personagem Cintura Fina e inspira-se na metáfora apresentada por Georges Didi-Huberman em *Sobrevivência dos Vaga-Lumes* (2008). O autor propõe uma reflexão poética e política sobre a persistência da luz em meio à escuridão simbólica dos tempos modernos; uma vez que, diante da perda de reflexão crítica, os seres humanos se tornam incapazes de perceberem o lado sombrio da história. Para Didi-Huberman (2008, p.23), os vaga-lumes são alegorias dos artistas ou de outras personagens que conseguem acender uma luz para que se possa enxergar dentro da obscuridade histórica. Desta forma, eles se tornam — “seres iluminantes, dançantes, erráticos, intocáveis e resistentes enquanto tais”.

Além disso, Huberman observa “Que eles “desaparecem” apenas na medida em que o espectador renuncia a segui-los. Eles desaparecem de sua vista porque o espectador fica no seu lugar que não é mais o melhor lugar para vê-los” (HUBERMAN, 2008, p. 47).

Esse trecho evidencia a forma como a sociedade moderna muitas vezes ignora aqueles que não se encaixam em seus padrões: um “moderno” incapaz de incluir, de transformar e de permitir que os vaga-lumes ou, por extensão, pessoas como Cintura Fina, se apresentem como são. Sempre presentes, sempre luminosos, eles carregam seu brilho único e revolucionário, dançando na margem da visibilidade social. A obra convida à leitura da luminosidade como ato de sobrevivência, em que cada lampejo se torna metáfora de esperança, potência e resistência estética, elementos centrais na construção imagética de Cintura Fina.

Marcada por traços que desafiavam as normas de gênero da época, a colocava em constante confronto com uma sociedade que a marginalizava. Para garantir sua sobrevivência e afirmar sua identidade, ela se armou com uma navalha, ferramenta que não apenas a defendia, mas também simbolizava sua resistência e autonomia. Sua habilidade com a navalha lhe conferiu notoriedade, sendo descrita como a "rainha da navalha" e respeitada tanto por prostitutas quanto por policiais, que temiam sua presença nas ruas.

Cintura Fina não se limitava a sobreviver; ela existia de forma plena e visível, desafiando as convenções sociais e culturais. Sua presença era um ato de resistência estética e política, onde cada gesto e cada olhar eram afirmações de sua identidade e de sua luta por reconhecimento e respeito. Como os vagalumes, cuja luz intermitente simboliza a persistência da vida e da sensibilidade mesmo em meio à escuridão, Cintura Fina manifestava sua força e identidade por meio da corporeidade e da resistência. Seu corpo, frequentemente sujeito a normas de contenção e controle social, tornava-se um território de luz, um lampejo que insistia em existir. A personagem, portanto, reflete a ideia de sobrevivência simbólica defendida por Didi-Huberman (2008) em que o brilho não é espetáculo, mas ato de permanência e afirmação.

Figura 10 – Moodboard Cintura Fina



Fonte: MORANDO, Luiz. *Enverga, mas não quebra: Cintura Fina em Belo Horizonte*. Belo Horizonte: Conceito, 2015. Acesso em: 10 out. 2025. SOARES, Ana Luiza. BH: Cintura Fina, ícone LGBTQIA+, é homenageada no Memorial Vale. *ESTADO DE MINAS*, 12 jun. 2024. Disponível em: <https://www.em.com.br/diversidade/2024/06/6876613-bh-cintura-fina-icone-lgbtqia-e-homenageada-no-memorial-vale.html>. Acesso em: 10 out. 2025. TUMBLR, 2025. Usuário: @nightlyseraph. Disponível em: <https://www.tumblr.com/nightlyseraph>. Acesso em: 10 out. 2025.

Neste segundo editorial, a narrativa de Cintura Fina se organiza em três atos, em que cada um é composto por duas imagens em preto e branco e uma colorida, simbolizando lampejos de existência e resistência. O preto e branco revela o corpo que se mostra e se esconde, tensionando presença e desaparecimento. A luz dura evidencia o essencial: o corpo que anuncia sua existência, o olhar que confronta o apagamento e a rigidez inicial que traduz o esforço de sustentar-se em meio às sombras sociais. Ao mesmo tempo, a luz dura funciona como metáfora dos olhares da sociedade, do foco e da atenção daqueles que observam e julgam, que impõem normas e tentam definir os limites de um corpo e de uma identidade que insiste em existir.

Nos momentos de cor, o vermelho escolhido para as peças atua como símbolo de força, coragem e potência. Ele é o fio que percorre os três atos, conectando a narrativa e destacando a visibilidade da personagem. As pérolas, utilizadas como acessórios, carregam camadas de significado. Elas evocam as marcas e cicatrizes deixadas pelo processo de transformação, tanto físico quanto emocional, de Cintura Fina. Cada pérola lembra a pressão, a resistência e a dor que acompanham a afirmação de uma identidade

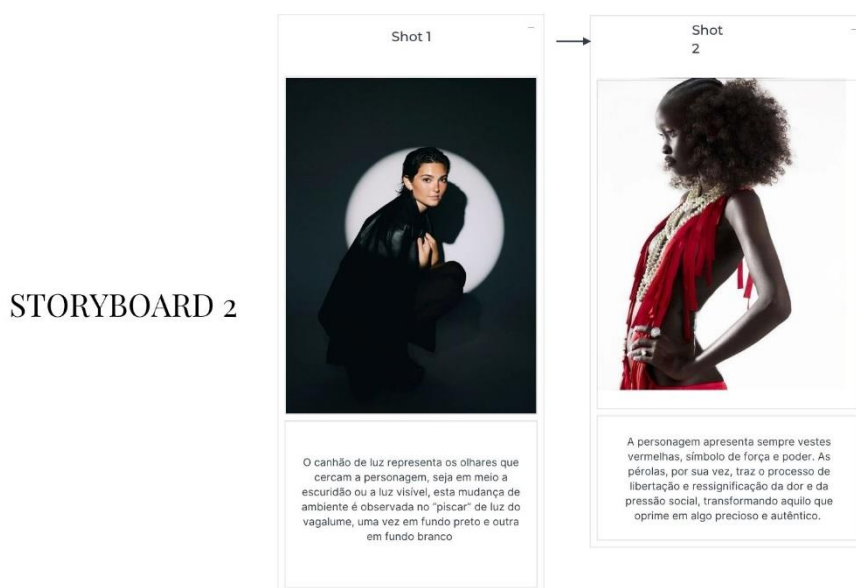
em meio a uma sociedade que frequentemente exclui e julga. A pérola se forma lentamente dentro da concha, atravessando atritos e adversidades para ganhar valor e beleza, a personagem surge marcada pelas experiências de sobrevivência, coragem e resistência.

Essas marcas não são apenas pessoais; elas refletem a história de todo um povo LGBTQIA+, cujas existências muitas vezes foram negadas ou invisibilizadas. Cada pérola simboliza o esforço coletivo de ser, de pertencer, de lutar pela própria identidade, de resistir às violências e exclusões impostas pelo preconceito. É um testemunho de transformação, força e valor, da luta emerge a potência de existir plenamente.

À medida que a narrativa se desenvolve, os gestos do corpo passam a se mover dentro do preto e branco, ainda contidos, marcando o processo de reaparecimento e reafirmação da presença. Cada ato alterna entre apagamento e lampejo, traduzindo o ritmo da visibilidade intermitente, da resistência e da força interior.

No desfecho de cada ato, o vermelho emerge com intensidade, e as pérolas brilham como testemunhos de resistência e valor. O corpo da personagem se afirma em sua totalidade, pleno e visível. A cor não apenas revela, mas consagra: é luz que não se apaga, lampejo que se torna presença, símbolo da permanência diante da exclusão. Cintura Fina, não é apenas representação: ela é potência moderna, corpo e imagem que clama por visibilidade, traduz a resistência cotidiana de quem se vê invisibilizado e reafirma que o corpo trans não precisa esperar para existir plenamente.

Figura 11 – Storyboard 2 (Colagem Digital)



Fonte: FDPHOTO STUDIO. Blackout Photography Studios: Why You Need Complete Light Control, 8 maio 2025. Disponível em: <https://www.fdphestudio.com/blackout-photography-studios-why-you-need-complete-light-control/>. CZARINA EDITORS. The Incomparable Beauty of a Black Woman. *CZARINA MAGAZINE*, 13 out. 2025. Disponível em: <https://czarinamagazine.org/2025/10/13/the-incomparable-beauty-of-a-black-woman/>.

7.1. Pérolas e lampejos

A construção estética do segundo ensaio, abrangendo maquiagem, iluminação e seleção das roupas, também foram cuidadosamente desenvolvidas a partir de estudos imagéticos, históricos e simbólicos da personagem Cintura Fina, além de referências da cultura visual contemporânea que dialogam com a resistência e visibilidade de corpos marginalizados. O quadro de inspiração para essa leitura pode ser observado na imagem 10, que sintetiza os elementos referenciais que guiaram a concepção do trabalho.

O *styling* concebido a partir dessa figura feminina propõe uma leitura simbólica que a posiciona como presença marcante e potente. A beleza, realizada por Stella Falqueto, evoca um cabelo pensado como símbolo contemporâneo da modernidade de corpos pretos, evocando tranças e *dreads*, mas estruturado de forma a deixar o rosto visível, concentrando a atenção no olhar da personagem e na força de sua expressão e uma maquiagem que revisita o delineado clássico da época, reinterpretando-o de maneira moderna, conferindo intensidade ao olhar e transformando cada gesto em linguagem

visual de resistência e presença. Cada traço do rosto, cada sombra e brilho da pele comunica história, experiência e potência acumulada diante das imposições sociais.

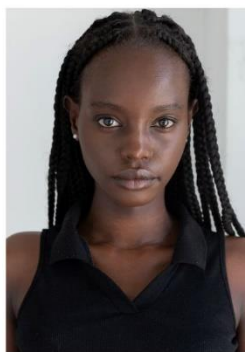
Figura 12 – Beleza Cintura Fina

BELEZA- KELLÉ



MAQUIAGEM

CABELO



STELLA FALQUETO
BEAUTY ARTIST

Fonte: PINTEREST, 2025. Disponível em: <https://pin.it/3dyhWz69c>. Acesso em: 16 out. 2025. BIONG, Achan. Portfolio. *MODELS*, 2025. Disponível em: <https://models.com/models/achan-biong>. Acesso em: 08 set. 2025.

A construção visual percorre imagens realizadas com o uso de canhão como escolha estratégica de narrativa, ele representa o olhar da sociedade diante da personagem, olhares atentos, que julgam e outros que admiram. A transição de um fundo preto para um fundo branco evoca o vaga-lume que se move entre olhares preparados para percebê-lo e aqueles que não estão. Ainda assim, os vaga-lumes, por sua vez, permanecem presentes, independentemente de serem notados, construindo seu espaço de força e resistência através de seu brilho próprio. Esta transição do vaga-lume, é uma presença contida, quase sussurrada, mas ainda assim perceptível.

A cor vermelha das peças emerge como símbolo de potência, coragem e vida pulsante, enquanto as pérolas representam transformação, resiliência e valor, lembranças das marcas, das dores e das lutas enfrentadas pela personagem e por toda a comunidade LGBTQIA+. A alternância entre apagamento e lampejo cria um ritmo visual que traduz a tensão entre invisibilidade e afirmação, fragilidade e força.

Em cada ato, o corpo da personagem se afirma, pleno, visível e soberano. Cada gesto, cada detalhe do cabelo, da maquiagem e do figurino converte-se em expressão de identidade, sobrevivência e resistência, transformando a presença de Cintura Fina em testemunho da permanência daqueles que, apesar das dificuldades, resistem.

7.2. A luz como metáfora da memória

Para as imagens em preto e branco, utilizou-se o fundo preto, com iluminação direcionada, através de um acessório de canhão de luz instalado em um Godox FV150, operando em modo flash. Essa configuração cria alto contraste, isolando a personagem no espaço e ressaltando sua presença como resistência e afirmação em meio à escuridão. A luz intensa e direcionada acentua texturas, gestos e contornos do corpo, enquanto simboliza também os olhares da sociedade que observam e julgam, reforçando o diálogo entre visibilidade e apagamento presente na narrativa.

Nos momentos coloridos, adotou-se fundo infinito branco, totalmente limpo, com iluminação proporcionada por painéis de LED's e flashes Mako V-lite equipados com difusores. Essa combinação permitiu controlar a intensidade e a temperatura de cor, evitando sombras duras e garantindo uniformidade luminosa sobre a personagem. Dois painéis de LED foram posicionados como luz de preenchimento, enquanto dois flashes Mako V-lite foram utilizados como luz principal e contra para modelar o corpo, destacando as peças em vermelho e as pérolas, reforçando a ideia de lampejo e permanência da identidade.

A iluminação foi concebida como parte integrante da narrativa, não apenas como recurso técnico. A alternância entre luz direta e difusa, preto e branco e cor, cria um ritmo visual que acompanha a trajetória da personagem: do surgimento intermitente à afirmação plena. Cada feixe de luz destaca sua corporeidade, seu olhar e sua expressão, tornando visíveis as marcas da resistência e os traços de transformação, enquanto dialoga com a simbologia da presença, do julgamento social e da força individual que insiste em existir e se impor dentro de padrões que tentam silenciar ou limitar.

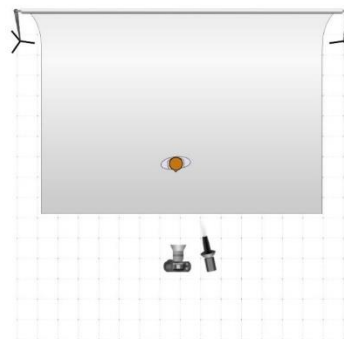
Figura 13 – Iluminação Cintura Fina

ILUMINAÇÃO ESTÚDIO

Fernando Vidulino



1º Ato: Destaque com o canhão de luz, remetendo ao olhar, fundo completamente preto.



2º Ato: Fundo infinito branco, destaque feito com o canhão de luz.

Fonte: imagens da autora, 2025.

8. DESENVOLVIMENTO DO CATÁLOGO

Após o processo fotográfico, iniciou-se o desenvolvimento do projeto gráfico, etapa responsável por articular os elementos visuais e materiais que dariam forma ao fotolivro, tal como, a tipografia, escolha de papéis e composição imagética, edição e demais escolhas gráficas.

O fotolivro, neste projeto, funciona como uma espécie de catálogo expandido, no qual as imagens fotográficas são articuladas a breves textos e outras imagens, criando uma narrativa visual e textual integrada. Mais do que apenas reunir registros das produções visuais, ele propõe uma experiência sensorial e reflexiva, na qual imagem e palavra se entrelaçam para recontar memórias e ressignificar histórias marginalizadas. Desta forma, o fotolivro torna-se um espaço de experimentação estética e discursiva, capaz de ampliar o alcance simbólico das narrativas de moda sustentável e de fortalecer o vínculo entre visualidade, cultura e memória coletiva. Na imagem abaixo, é possível observar a construção prévia e o planejamento dessa etapa.

Figura 14 – Projeto gráfico fotolivro



Fonte: imagens da autora, 2025.

A escolha do fotolivro nasce da busca por novas formas de contar histórias, não de modo literal, mas a partir de um imaginário moderno e simbólico. A proposta busca retomar personagens e identidades historicamente apagadas no contexto da capital mineira, Belo Horizonte, utilizando a moda e a imagem como meio de reconstrução de memórias e ressignificação do presente.

Dentro da construção estética e sensorial do projeto, o uso do papel manteiga, por exemplo, foi pensado como um elemento capaz de representar o ato de velar e revelar, o que é mostrado e o que é ocultado nas narrativas sociais e culturais.

As imagens incompletas, as sombras e as sobreposições remetem às escolhas políticas que definem quais histórias são evidenciadas e quais permanecem à margem dos grandes centros urbanos. Essa relação entre luz e sombra se torna metáfora do próprio processo de visibilidade: o brilho do que insiste em existir mesmo quando o olhar coletivo tenta apagá-lo.

A narrativa proposta reflete também sobre uma moda em transição, que se volta para valores éticos e sustentáveis, reconhecendo a urgência de um mundo que clama por mudanças de hábitos de consumo e por uma reconexão com a cultura, o fazer manual e a ancestralidade. O olhar do designer de moda, nesse contexto, é sensível e melancólico, pois entende que para que a roupa carregue sentimento, é necessário um vínculo, para que o ato de vestir não seja apenas consumo, mas memória, identidade e expressão.

O projeto reafirma a busca por uma modernidade inclusiva, em que o “moderno” não se define pela velocidade, mas pela consciência. Ser moderno, aqui, é ser memorialista, afetivo e revolucionário. É construir laços entre passado e futuro, entre arte e sustentabilidade, mantendo vivas as histórias daqueles que pavimentaram o caminho da liberdade de expressão. Por intermédio da moda e da fotografia, o fotolivro: *Metamemória*, do ano de 2025, propõe uma reflexão poética e crítica sobre o que é permanecer, brilhar e resistir, mesmo entre luzes e sombras.

9. RESULTADOS OBTIDOS

O desenvolvimento das narrativas visuais evidenciou como a fotografia de moda pode se constituir em um espaço de reflexão crítica e de construção de práticas sustentáveis, colaborativas e inclusivas. No estúdio, inicialmente construiu-se uma personagem borrada, com diferentes *shapes* em evidência, evocando o apagamento histórico junto a imagem de moda, a que Maria do Arraial foi submetida.

Em seguida, explorou-se a iluminação por sombra quadrada, desenvolvida a partir de papel cartão preto, que criou um quadro ao redor da personagem, destacando-a nos momentos finais como uma composição memorável. Essa atmosfera fantasmagórica resgatou a lenda associada à trajetória da personagem, ainda presente na memória da cidade. Posteriormente, a personagem foi apresentada em sua totalidade, em um movimento de revelação que simbolizou resistência e persistência dos corpos negros, que, mesmo diante das tentativas de exclusão do sistema moderno, afirmam-se como símbolos de ocupação, identidade e transformação social.

A segunda narrativa visual, sobre Cintura Fina, além das pesquisas voltadas à história da personagem, inspirou-se no livro *Sobrevivência dos Vaga-lumes*, utilizando a metáfora da luz que persiste na escuridão, uma presença insistente diante de uma sociedade que invisibiliza certas histórias. O ensaio apresentou a personagem em processo de

metamorfose: Transitando entre o espaço claro e escuro da sociedade, sempre observada pelos olhares de admiração ou crítica, os lampejos traçados por esses dois espaços, evidenciados por um canhão de luz como representação deste olhar, representa também sua força como guardião de sua comunidade, expondo o corpo como território de enfrentamento e resistência.

Ambas as narrativas, construídas em diálogo com histórias de mulheres negras periféricas de Belo Horizonte, demonstraram como a fotografia de moda pode ressignificar memórias coletivas e problematizar sistemas de apagamento, evidenciando trajetórias marginalizadas e questionando a modernidade excludente.

10. UM NOVO OLHAR PARA O SIGNO POLÍTICO DA MODA

Nesse contexto, o catálogo desenvolvido contribuiu para o fortalecimento de uma moda consciente, que, ao recuperar identidades locais, amplia a percepção sobre o que significa uma modernidade sustentável e inclusiva. A fotografia de moda, orientada por princípios de sustentabilidade, inclusão e responsabilidade social, revela-se instrumento potente para promover engajamento afetivo e crítico, capaz de inspirar novas percepções sobre os processos de modernização nas cidades modernas.

Ao contrário da lógica descartável e homogeneizadora do sistema tradicional, as narrativas visuais reafirmaram que o moderno é plural, ético e durável, sustentado pela valorização de corpos, histórias e práticas que impulsionam o viés social da moda contemporânea. Onde o reaproveitamento e o compartilhamento de materiais e histórias, impulsiona uma sociedade criativa e moderna, capaz de inspirar as atuais e futuras gerações, sob um olhar de uma moda inovadora e eticamente ecológica.

Conclui-se que o produto desenvolvido para a área da moda sustentável não apenas pode consolidar-se como objeto de desejo, mas também como campo de transformação cultural, social e ambiental. O estudo demonstrou que a integração entre teoria, prática e ética na construção de imagens de moda gera narrativas visuais que valorizam memórias coletivas, resgatam protagonistas invisibilizados e propõem novos caminhos para o consumo e a produção no setor.

Em etapas posteriores da pesquisa, as imagens desenvolvidas seriam entregues às marcas envolvidas, para que possam utilizá-las dentro de seus processos de comunicação e

identidade visual, reforçando a conexão entre moda e sustentabilidade. Além disso, o material poderá ser apresentado em exposições, feiras ou eventos acadêmicos voltados à moda e à arte, contribuindo para o debate sobre produção consciente.

A pesquisa também poderá ser expandida em uma futura pós-graduação ou mestrado, aprofundando-se em temas como moda sustentável, fotografia autoral e processos colaborativos entre designers e fotógrafos. Outra possibilidade seria a publicação do trabalho em formato de portfólio, artigo ou fotolivro, com o intuito de divulgar os resultados obtidos e inspirar novas práticas criativas no campo da moda.

Dentro de futuras pesquisas, o objetivo é desenvolver outros processos que permitam integrar estética e sustentabilidade, reduzindo o impacto ambiental e aproximando o processo de produção da fotografia de moda de valores éticos e conscientes.

Entre as abordagens planejadas, destaca-se a cianotipia, processo analógico que produz imagens em tons de azul intenso a partir da reação química entre sais de ferro e luz ultravioleta. Além de conferir um caráter artesanal e único às imagens, a técnica utiliza materiais simples e naturais, permitindo explorar o valor do feito à mão e do experimentalismo sustentável na construção visual.

Outra técnica em desenvolvimento é a câmera *pinhole*, ou estenopeica, que dispensa lentes e projeta a imagem invertida sobre uma superfície sensível por meio de um pequeno orifício. O método exige longos tempos de exposição, produzindo imagens com bordas suaves, difusão da luz e caráter quase etéreo, possibilitando novas composições imagéticas e reforçando o vínculo entre técnica, estética e reflexão crítica. O emprego dessas técnicas visa não apenas à inovação visual, mas também à redução do consumo de recursos digitais e industriais, promovendo uma prática mais consciente e intencional na criação de imagens de moda, uma vez que a construção dessas câmeras pode ser desenvolvida a partir de objetos recicláveis e filmes vencidos. A produção passa a valorizar a memória, o tempo e a materialidade, aspectos muitas vezes negligenciados pela lógica de consumo rápido e descartável do mercado tradicional.

O compromisso do projeto com a sustentabilidade também se reflete na relação entre produto e imagem. Cada peça, cada composição e cada registro fotográfico, busca transmitir valores éticos e ambientais, aproximando o consumo de moda de práticas que respeitam o patrimônio cultural, a ancestralidade e os processos artesanais. Dessa forma, a fotografia de moda torna-se um espaço de experimentação crítica, capaz de integrar

produto, estética e narrativa, estimulando o público a repensar o consumo e os valores associados à modernidade. Ao explorar técnicas como cianotipia e *pinhole*, o trabalho reafirma que a moda pode ser veículo de transformação social, estética e ambiental, inspirando olhares mais conscientes e práticas mais responsáveis.

Além das técnicas e narrativas exploradas, o uso do espaço coletivo demonstrou-se estratégico para a construção de práticas criativas e sustentáveis. Trabalhar com materiais compartilhados, reaproveitados ou doados mostrou que a inovação na fotografia de moda não depende exclusivamente da criação de elementos inéditos ou específicos para um único projeto. Pelo contrário, o estúdio coletivo evidenciou que a criatividade pode florescer a partir do que já existe, estimulando soluções imaginativas, a experimentação e o diálogo entre diferentes produções. Essa abordagem reforça a possibilidade de repensar o processo de produção fotográfica, mostrando que o compartilhamento de recursos e o reaproveitamento consciente podem se tornar caminhos eficientes e estéticos para a moda, ao mesmo tempo em que promovem valores de colaboração, economia de recursos e responsabilidade ambiental.

Em última instância, reafirmou-se que o moderno só se tornou verdadeiramente memorável quando pensado a partir de valores éticos, inclusivos e sustentáveis, capazes de inspirar novas gerações a reconhecer e celebrar histórias apagadas, a respeitar a diversidade e a construir uma modernidade leve, responsável e criativa.

REFERÊNCIAS

BARTHES, Roland. Inéditos – vol. 3: **imagem e moda**. Tradução de Ivone C. Benedetti. São Paulo: Martins Fontes, 2005. 380 p.

BARTHES, Roland. **O sistema da moda**. Lisboa: Edições 70, 1981.

BAUDELAIRE, C. **O Pintor da Vida Moderna**. In: Obras completas em prosa. Tradução de Carlos Alberto Martins. 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

BIONG, Achan. Portfolio. **MODELS**, 2025. Disponível em: <https://models.com/models/achan-biong>. Acesso em: 08 set. 2025.

BROUGH, Jenny. New Heritage. [fotografia]. **10 Magazine**, edição 68. Balmain, 2022. Disponível em: <https://in.pinterest.com/balmain/>. Acesso em: 16 jun. 2025.

COUTINHO, Alice. Mulher do Fim do Mundo. Intérprete: Elza Soares. A Mulher do Fim do Mundo, 2018. Disponível em: https://open.spotify.com/intl-pt/track/0c3yWQVdaR6kFPxAMGg8zL?si=P3_Y6Ys9Qbq4nge6sPT6ag&nd=1&dlsi=caef6eacec994561. Acesso em: 20 jun. 2025.

CREATIVIDEAS. **Dia Mundial do Refugiado** – 20 de junho: vetor ilustrativo. [ilustração vetorial]. Freepik. Disponível em: https://br.freepik.com/vetores-premium/dia-mundial-do-refugiado-20-de-junho-vetor-fundo-de-conceito-de-dia-internacional-da-imigracao_32674449.htm. Acesso em: 17 jun. 2025.

CZARINA EDITORS. The Incomparable Beauty of a Black Woman. **CZARINA MAGAZINE**, 13 out. 2025. Disponível em: <https://czarinamagazine.org/2025/10/13/the-incomparable-beauty-of-a-black-woman/>. Acesso em: 03 nov. 2025.

DAVISON, Jack. Zendaya para **W Magazine**. [fotografia]. W Magazine, 2022. Disponível em: <https://www.monopoli.gr/2022/03/04/promotional-items/cine-news/562555/o-denis-villeneuve-skinotetise-tin-neasygklonistiki-fotografisi-tis-zendaya/attachment/zendaya-4/>. Acesso em: 16 jun. 2025.

DEAN-FRANCIS, Marina. **Nuicons Magazine**. Fotografia: Marina Dean-Francis; maquiagem: Sophie Moore; modelo: Sahara @ PRM Model Agency; unhas: Emma Thorne; retoque: Dmitry Kopylets. Behance, 2018. Disponível em: <https://www.behance.net/gallery/63068485/nuiconsmagazine>. Acesso em: 16 jun. 2025.

DE VRIES, Isabelle. **Instagram**, 8 fev. 2025. Disponível em: <https://www.instagram.com/isabelle.de.vries/>. Acesso em: 16 jun. 2025.

DIDI-HUBERMAN, Georges. **Sobrevivência dos vagalumes**. Tradução de Vera Casa Nova e Márcia Arbex. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011.

ESTADO DE MINAS. **BH: Cintura Fina, ícone LGBTQIA+, é homenageada no Memorial Vale**. Disponível em: <https://www.em.com.br/diversidade/2024/06/6876613-bh-cintura-fina-icone-lgbtqia-e-homenageada-no-memorial-vale.html>. Acesso em: 10 out. 2025.

EUROPEAN PARLIAMENT. **The impact of textile production and waste on the environment**. 2020. Disponível em: <https://www.europarl.europa.eu/topics/en/article/20201208STO93327/umweltauswirkungen-von-textilproduktion-und-abfallen-infografik>. Acesso em: 2 set. 2025.

EZZ, Nour Bou; MOHAMAD, Amer. **The shape of things to come: a study of form. Harper's Bazaar Arabia**, 23 dez. 2023. Disponível em: <https://www.harpersbazaararabia.com/fashion/the-shape-of-things-to-come-a-study-of-form>. Acesso em: 16 jun. 2025.

FDPHOTO STUDIO. Blackout Photography Studios: Why You Need Complete Light Control, 8 maio 2025. Disponível em: <https://www.fdphestudio.com/blackout-photography-studios-why-you-need-complete-light-control/>. Acesso em: 25 out. 2025.

FLÁVIA ARANHA. **Calça Emma seda textura chumbo Roma 3072**. Disponível em: <https://www.flaviaaranha.com/produto/calca-emma-seda-textura-chumbo-roma-3072>. Acesso em: 5 jun. 2025.

FLÜGEL, J. C. **The Psychology of Clothes**. 2. ed. Londres: Hogarth Press, 1933.

GAGOSIAN. Exibição de arte: **Avedon & Me**. Paris. 6 nov. 2024. Instagram: @gagosian. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/DCCqm5YRN8/>. Acesso em: 15 ago. 2025.

GITNEX. **Sustainability in the textile industry statistics**. 29 abr. 2025. Disponível em: <https://gitnux.org/sustainability-in-the-textile-industry-statistics/>. Acesso em: 2 set. 2025.

HARPER'S BAZAAR US SEPTEMBER 2022. **Anne of Carversville**, 2022. Disponível em: <https://anneofcarversville.com/fashion/2022/9/23/gabriel-moses-harpers-bazaar-us>.

HILDA FURACÃO. Direção de Wolf Maya. Roteiro de Glória Perez. Rio de Janeiro: TV Globo, 1998. Minissérie (24 episódios, 45 min).

JANSSON, Mikael. Off the **Wall – Dazed Spring** 2023. Fotografia: Mikael Jansson; styling: Ibrahim Kamara. **Dazed**, 2023. Disponível em: <https://www.dazeddigital.com/fashion/gallery/31976/1/off-the-wall-dazed-spring-2023>. Acesso em: 16 jun. 2025.

JULIA, Claudia. **Vogue Ukraine Beauty**. Claudia Julia, 2023. Disponível em: <https://www.claudia-julia.com/vogue-ukraine-beauty>. Acesso em: 16 jun. 2025.

KIARA PIKE PORTFOLIO PRINT. **Ford Models**, 2025. Disponível em: <https://fordmodels.com/miami/profile/kiara-pike/?board=women>. Acesso em: 16 mar. 2025.

KULAK, Natalia. Milk Makeup Cloud Glow Priming Foam. **PBL MAGAZINE**, 14 mar. 2024. Disponível em: <https://www.pblmagazine.co.uk/launches/milk-makeup-cloud-glow-priming-foam>. Acesso: 16 mar. 2025.

MARTINS, Ana Clara. **Curta de Minas Gerais vence Prêmio Itaú Cultural Play no Festival Visões Periféricas**. Telaviva, 18 mar. 2025. Disponível em: <https://telaviva.com.br/18/03/2025/curta-de-minas-gerais-vence-premio-itaucultural-play-no-festival-visoes-perifericas/>. Acesso em: 17 jun. 2025.

MARGIELAS, Maison. **ELECTRICGEEL-MANAZINE**. Maison Margiela SS21 Kollektion neu interpretiert durch Arcin Sagdic & Ezra Miller. 2021. Disponível em: <https://electricfeel-magazine.com/maison-margiela-ss21-kollektion-neu-interpretiert-durch-arcin-sagdic-ezra-miller/>. Acesso em: 15 ago. 2025.

MCDEAN, Craig. **Adut Akech and Rianne Van Rompaey by Craig McDean for British Vogue** February 2020. Fashionotography, 13 jan. 2020. Disponível em:

https://fashionotography.com/adut-akech-and-rienne-van-rompaey-by-craig-mcdean-for-british-vogue-february-2020/?amp#google_vignette. Acesso em: 16 jun. 2025.

MIRANDA, Ana Paula. **Moda e sustentabilidade**: Uma reflexão necessária. São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2017.

MOEREIRA, Frei Gilvander. Nasce a ocupação Maria do Arraial, do MLB, no Centro de BH/ MG: luta por moradia adequada. **CEDEFES**, 28 jul. 2023. Disponível em: <https://www.cedefes.org.br/nasce-a-ocupacao-maria-do-arraial-do-mlb-no-centro-de-bh-mg-luta-por-moradia-adequada/>. Acesso em: 20 jun. 2025.

MORANDO, Luiz. **Enverga, mas não quebra: Cintura Fina em Belo Horizonte**. Belo Horizonte: Conceito, 2015.

MOSES, Gabriel. **Dramatic Play**. [fotografia]. Harper's Bazaar US. Anne of Carversville, 23 set. 2022. Disponível em: <https://anneofcarversville.com/fashion/2022/9/23/gabriel-moses-harpers-bazaar-us>. Acesso em: 16 jun. 2025.

MUSA, Priscila Mesquita. **Quem vê cara não vê ancestralidade**: arquivos fotográficos e memórias insurgentes de Belo Horizonte. 2022. 321 f. Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo) – Universidade Federal de Minas Gerais, Escola de Arquitetura, Belo Horizonte, 2022. Disponível em: <https://repositorio.ufmg.br/handle/1843/47923>. Acesso em: 17 jun. 2025.

OBSERVATÓRIO G. **UFMG é a primeira universidade do país a institucionalizar acervo LGBT+**. Disponível em: <https://observatoriog.com.br/cultura-gay/ufmg-e-a-primeira-universidade-do-pais-a-institucionalizar-acervo-lgbt/>. Acesso em: 10 out. 2025.

ONU BRASIL. **Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS)**. Disponível em: <https://brasil.un.org/pt-br/sdgs>. Acesso em: 5 jun. 2025.

OTEMPO. **Saiba por que a nova ocupação de BH recebeu o nome de Maria do Arraial. 2023**. Disponível em: <https://www.otempo.com.br/cidades/saiba-por-que-a-nova-ocupacao-de-bh-recebeu-o-nome-de-maria-do-arraial-1.3095165>. Acesso em: 14 set. 2025.

PINTEREST, 2025. Usuário: @briannabethea99. Disponível em: <https://br.pinterest.com/pin/988751293185722383/>. Acesso em: 16 mar. 2025.

PINTEREST, 2025. Disponível em: <https://pin.it/3dyhWz69c>. Acesso em: 16 out. 2025.

RAMALHO, Zé. **Avôhai**. In: ZÉ RAMALHO. Zé Ramalho. Rio de Janeiro: CBS, 1978. 1 disco sonoro.

SAGDIC, Arcin. **Maison Margiela | Co-ed SS21 by John Galliano**. [fotografia]. Maison Margiela, abr. 2021. Disponível em: <https://models.com/work/maison-margiela-maison-margiela--co-ed-ss21-by-john-galliano/1506955>. Acesso em: 16 jun. 2025.

SANTANA, Robinho. **Deus é mãe**. [fotografia]. Projeto Afro. Disponível em: <https://projetoafro.com/editorial/entrevista/conversa-entrevista-com-artista-robinho-santana/>. Acesso em: 17 jun. 2025.

SANTOS, Richard. A Liberdade em meio à quarentena. 22 abr. 2020. Instagram: @richard.snt. Disponível em: https://www.instagram.com/p/B_TdrcBJBqe/. Acesso em: 20 jun. 2025.

SANTOS, Richard. Fotos de Belo Horizonte. 12 dez. 2024. Instagram: @richard.snt. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/DDfZc-vOvj4/>. Acesso em: 20 jun. 2025.

SHINKLE, Eugénie. **Fashion as Photograph: Viewing and Reviewing Images of Fashion**. New York: IbTaurus, 2008.

STELLA MCCARTNEY. **Resort 2023**. Disponível em: <https://www.tagwalk.com/en/collection/woman/stella-mccartney/resort-2023?city=paris>. Acesso em: 5 jun. 2025.

TIME. **How some companies are making textiles more sustainable**. 2023. Disponível em: <https://time.com/6973643/sustainable-fibers-textiles/>. Acesso em: 2 set. 2025.

TUMBLR, 2025. Usuário: @nightlyseraph. Disponível em: <https://www.tumblr.com/nightlyseraph>. Acesso em: 12 maio 2025.

UFMG. **Os fantasmas de Belo Horizonte e por que não acreditamos mais neles**. 2024. Disponível em: <https://www.ufmg.br/espacodoconhecimento/os-fantasmas-de-belo-horizonte-e-por-que-nao-acreditamos-mais-neles/>. Acesso em: 14 set. 2025.

VEJA. **O impacto ambiental e social do fast fashion**. Coluna Balanço Social, 30 set. 2022. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/coluna/balanco-social/o-impacto-ambiental-e-social-do-fast-fashion/>. Acesso em: 19 ago. 2025.

VILELA, Pedro. **Circuito Liberdade**. [fotografia]. Portal Belo Horizonte. Disponível em: <https://portalbelohorizonte.com.br/informacoes-da-cidade/imperdivel-em-belo-horizonte/circuito-liberdade>. Acesso em: 17 jun. 2025.

WIFITALENTS. **Sustainability in the clothing industry statistics**. 2025. Disponível em: <https://wifitalents.com/sustainability-in-the-clothing-industry-statistics/>. Acesso em: 2 set. 2025.

WIIG, Ignat. **Vale das Bonecas de Papel**. Fotografia: Ignat Wiig; modelo: Mirakela Love. Vogue Escandinávia, dez. 2023. Disponível em: <https://models.com/work/vogue-scandinavia-valley-of-the-paper-dolls>. Acesso em: 16 jun. 2025.